



lc

o remédio para a

praga

As três flechas de Deus | Vol. 1

William Gouge



Incentivamos qualquer tipo de divulgação deste material. A verdade não é propriedade de homem algum, e, portanto, não deve ter a sua circulação restringida.

“De graça recebestes, de graça dai”.

Mateus 10.8

Título:

As Três Flechas de Deus, Vol. 1: O remédio para a praga
1ª Edição - Julho de 2020

Autor:

William Gouge

Título original:

God's Three Arrowes: Plague, Famine, Sword, In three
Treatises. I. A Plaister for the Plague. II. Dearth's Death. III.
The Church's Conquest over the Sword.
- 1636 -

AS TRÊS
FLECHAS
DE DEUS:

PRAGA, FOME E ESPADA,

Em três tratados:

I. *O Remédio para a Praga.*

II. *A Remoção da Fome, ou a morte causada pela escassez.*

III. *A conquista da igreja sobre a Espada.*

Por **William Gouge**, Doutor em Divindade e Pregador
da Palavra **de Deus** em *Blackfriars, Londres*.

EZEQUIEL VI.XI

“Ai! Por todas as más abominações da casa de *Israel!* Porque cairão pela espada,
pela fome, e pela pestilência.”

*Famem, & pestilentiam, & bestias pessimas, & quicquid aliud malorum sustinemus in
seculo, propter nostra venire manifestum est. Hier. Com. 1.2. em Ez. 5.*



RIO DE JANEIRO,

Impresso por *Editora Confessional*, 2020.



AO MUI
HONORÁVEL,
Sr. Thomas Coventry, Cavaleiro,
Lorde Coventry, Barão de Alesborough,
Guardião do Grande Selo
da **Inglaterra.**

Ao Mui Honorável,



té mesmo aquele que combinou seu אַבְרָךְ
(*abrek*)¹, [isto é,] seu rejubilante aplauso
às rejubilantes aclamações de muitos,
quando Vossa Senhoria avançou à vossa
honorável posição, agora também vê uma causa além para adi-
cionar esse הַיְלֵלָה, *hallelujah*², [isto é,] sua *congratulação*, louvando
a Deus porque continuas em vossa posição, bem como na vossa
aprovada *integridade*, a qual tem sido encontrada (como diz o
Apóstolo a respeito da fé dos cristãos) εἰς ἔπαινον καὶ δόξαν, [isto

1 - Vox bonorem exhibentis, & omnia bobo precantis. Gn. 41.43

2 - Vox congratulatis & collandantis Deum. Ap. 19.6

é,] “em louvor e honra e glória” (1 Pe. 1.7), como o bom ouro, o qual, saindo da fornalha, apresenta-se mais sólido e resplandecente. Pois, vosso tipo de judicatura, segundo a natureza de vossa posição e vosso próprio propósito, não é somente (tomando a frase de Santo Agostinho³) *Iudicis mollire sententiam, & mitius vindicare quam leges*, mas é como aquilo que um profeta chama de מִשְׁפָּט וְשָׁלוֹם juízo de paz (Zc. 8.16), o que São Jerônimo expõe assim: “*hoc est iudicium pacis ut propositum Iudex habeat pacificare discordes*”⁴. Isso é algo muito difícil, uma vez que o mesmo Jerônimo diz: “*non est omnium rectè judicare, sed eorum qui prudentes sunt*”⁵, os quais recebem a sua sabedoria do alto. Por isso, Salomão, em um sonho, pediu por isso a Deus⁶. E o louvor não retornará Àquele de quem a sabedoria vem, através do que a recebe e participa do benefício dela⁷? Porém, meu bom Lorde, por mais que falar a verdade a respeito de ti possa parecer bajulação para outros, e bajulação não se alinha com a vossa disposição, nem vem a ser a minha profissão, permite-me, em minha alta estima por vossa honra e humilde expressão de minha afeição, publicar meus pobres esforços sob vosso honorável nome: desejando que eu fosse capaz, além de minha observância de vosso senhorio, em meu zelo pela Igreja de Deus, *gemmas offerre*. Porém, junto com Orígenes, [eu digo] “quia haec supra me sunt, pilas caprarum habere merear”. Pois, seja qual for a minha fraqueza, não são oportunos estes [nossos] tempos (embora desejasse que não fossem) para

3 - Agostinho ad Marcel. Epist. 158

4 - Comentário de Jerônimo no capítulo 8 de Zacarias, lib.2

5 - Comentário de Jerônimo em Isaías, cap.1.

6 - Salomon in visiane per somni um hoc à Deo postulavit; ut accepta sapientia juste populum judicaret. Ibid.

7 - Sic distinguo, ut donationem ab ipso dono. Beza.

tal assunto como é aqui abordado: *tratados* sobre a *praga* e *fome*, e, de fato, sobre a *guerra* também? Pois, apesar da guerra ter sido afastada de nossa terra pela prudência e providência de nosso majestoso *Soberano*, o Filho e Herdeiro do grande *Pacificador*: contudo, em outras partes da cristandade, ela, entre outras coisas, encoleriza-se como inundações, para a ruína de muitos estados e da verdadeira religião. *O leão tem rugido, quem não temerá? O Senhor Deus tem falado, quem não profetizará* [Am. 3.8]? Apesar disso, estes *tratados* não são para aterrorizar por aquilo que já passou, nem para profetizar sobre aquilo que ainda virá, mas, em vez disso, para curar as feridas que têm sido feitas pelas já declaradas flechas e nos direcionar em como evitar que o Senhor atire mais outra flecha similar. E cabe a nós, *ministros da Palavra de Deus*, a partir da Sua Palavra, declarar aquilo que Ele intenta e espera quando sorri ou olha de modo severo sobre o Seu povo. *Os magistrados* (aqueles que, por razão da posição que ocupam, são, na língua de *Canaã*, chamados de a מַגִּידֵי יְהוָה, “*deuses*” e “*filhos do Altíssimo*” - Sl. 82.6) tem o poder para que as direções divinas sejam colocadas em execução. Por isso, um antigo pai [da igreja], falando como se fosse o próprio Deus se dirigindo aos magistrados, parafraseia este texto: “*Eu tenho dado a vós a minha própria honra, dignidade e título. Por isso, julguem o meu povo, como se Eu mesmo estivesse julgando*”⁸. A quem esses *tratados* oportunos, que apresentam o modo particular de Deus lidar conosco, possam ser [primeiramente] apresentados de forma apropriada, e, depois disso, para aquele que, sob sua mais excelente Majestade, tenha tão grande posição e parte, junto a outros, para estabelecer

8 - Justino Mártir, Quest. & Resp. ad Orthodox, q. 142

ordens pelo socorro dos pobres feridos, como mencionado antes, e para protegê-los dessas flechas. *Quanto aos tratados* recomendados a vosso honorável amparo: graciosa aceitação é, com toda humildade, desejada por aquele que professa estar à vossa honrosa ordem.

William Gouge



AOS MUI HONORÁVEIS,
MUI RESPEITÁVEIS,
entre outros, meus Amados *Paroquianos*,
habitantes de *Blackfriars, Londres*,
toda Alegria.

Mui Honoráveis,
Mui Respeitáveis,
Amados,



Eis aqui um *testemunho* do meu devido *respeito* para convosco. Eis aqui uma *apologia* por minha aparente negligência em relação a vós. Reconheço que todo o *respeito* que um grato *pastor* deve dar ao *povo* amado também devo eu a vós. Neste aspecto, eu dou aqui, pela quarta vez, o testemunho público disso, apresentando a vós, em especial, aquilo que foi feito em público para todos¹. A negligência para convosco, objetada contra mim, é que eu raramente preguei entre vós neste último ano. O antigo e inegável aforismo,

1 - Tratados apresentados aos meus paroquianos:

1. The Whole Armour of God.
2. Domesticall Duties.
3. A Guide to go to God.
4. God's three Arrowes. (As três flechas de Deus)

que diz “*um homem não pode fazer mais do que pode*”, nos dá uma resposta para isso. Grande tem sido a fraqueza de meu corpo, ocasionada primeiro por uma doença muito perigosa, no último mês de *agosto* (muitos dentre vós são testemunhas de quão fraco fiquei por causa dela), e que foi agravada por duas recaídas, uma em *novembro*, outra em *fevereiro* do ano seguinte². Eu não tenho outra escusa. Isso é o suficiente. São *Crisóstomo*, onde ele diz que “*o bem da igreja pode ser impedido pela fraqueza dos corpos dos ministros*”, conclui que “*em tais casos, não devem ser acusados*”³. Porém, por mais que a minha fraqueza fosse um impedimento justo para pregar (por meio da qual os ânimos de um homem fraco são esgotados), contudo, não desejo fazer disso um pretexto para desperdiçar o precioso tempo em ociosidade. Foi dito uma vez, de modo espirituoso e grave, que “*até mesmo no tempo livre a preguiça deve ser evitada*”⁴. Portanto, digno de toda imitação é aquele que, usando da liberdade dos afazeres públicos, colocava-se mais próximo dos estudos privados, e, em consequência disso, costumava dizer que *nunca teve menos tempo livre do que quando tinha mais tempo livre*⁵. Correspondentemente (segundo a capacidade que Deus me deu), esforcei-me para gastar essa pausa que tive de minhas ocupações públicas em meus estudos privados, de modo que alguns frutos disso pudessem ser revertidos para vós e outros. Por meio dessa minha verdadeira e justa *apologia*, espero que a supracitada *aparência de negligência* para convosco, seja para você apenas *aparente*. Quanto ao assunto

2 - A respeito da bondade de Deus em minhas recuperações, terei ocasião apropriada para falar em *The Saint's Sacrifice*, o qual será oferecido a vós em breve.

3 - *Crisóstomo*, Hom. 1, no cap. 1, ad. Tit.

4 - *Covendum & in ocio ocium est*. Bern. de Con. sid. l.3. c.13.

5 - *Scipio Africanus dicere solebat Nunquam se minus ociosum quam cum ociosum esset*. Cic. Offic. lib. 3

dos meus esforços privados, os quais se tornam agora públicos, embora já tenha pregado muitos desses tratados aos vossos ouvidos, os quais podem, com maior facilidade, ser colocados agora diante de vossos olhos, contudo, a manifestação do desprazer de Deus contra nós e outras partes do mundo cristão, atirando as Suas três “*flechas malignas*” (assim chamados em consideração aos seus efeitos), a *fome, guerra, espada* (Ez. 5.16), tem atraído meus pensamentos para nisso meditar e para publicar aquilo que não tive ocasião para pregar no meu curso ordinário do ministério. De fato, em ocasiões específicas, tenho entregue de púlpito alguns dos pontos abordados nesses tratados, porém, nunca terminei qualquer um deles. É um ponto de prudência inquestionável observar a *providência* divina em todas as coisas. Pois, por meio dela, sem qualquer dúvida, todas as coisas são, em todo o mundo, governadas e dispostas, especialmente os negócios da Sua Igreja, sobre a qual algumas vezes a luz do Seu favor brilha de modo vivo, enquanto que em outros momentos a saraiva da indignação são lançadas⁶. Através da devida observação dela, a nossa disposição para com Deus pode ser ordenada, de modo que aquilo que Deus espera seja efetuado, a saber, a *gratificação* pelos Seus *favores*, e *humilhação* pelos Seus *juízos*. Agora é o tempo no qual as nuvens da ira de Deus têm obscurecido o brilhante céu da Igreja. Por isso, os seguintes *tratados* são pertinentes para o presente momento, e, neste aspecto, mais proveitosos para nós que somos deste tempo. *Quanto mais pertinente um ponto é, mais proveitoso ele é*⁷. Eu poderia desejar que não houvesse tão justa ocasião para tratar das *três flechas* supracitadas, como

6 - *Maiestati divinae gubernatio pariter & administratio universitatis incumbit.* Bern. Super. Cant. Ser. 68.

7 - *Quo magis quid accomodum, eo magis commodum est.*

aqui é. Nesses seis anos, temos sentido mais o amargor da *praga* do que em muitas centenas de anos antes nesta terra, *flecha* que está sendo agora atirada contra nós. Quem saberá o quanto o seu veneno (pois a *praga* é uma *flecha* venenosa) pode infectar? Tanto o *Palatinado*, a *Boêmia*, a *Morávia*, a *Silésia*, a *Hungria*, e quase toda a *Alemanha*; *Rochel*, *Montauban*, *Montpellier*, *Nesmes*, e outras vilas, cidades e regiões da *França*⁸; *Breda* nos países baixos e muitos outros lugares na cristandade têm sentido a profunda ferida da guerra, através da qual a *idolatria* tem expulsado a *piedade*, a *superstição* está sendo colocada no lugar da *religião*, os *usurpadores* têm inserido os ritos dos verdadeiros *Lordes* e *herdeiros*, o sangue de muitos milhões tem sido derramado, muitos têm sido exilados, e todas as coisas ficaram de cabeça para baixo. *S. Agostinho*, no seu tempo, criticou aquelas injúrias do clérigo dos *donatistas* que devastaram as Igrejas, de modo que a conduta dos *bárbaros* pode parecer mais suave do que a destes⁹. Quanto mais justamente podemos mencionar as críticas contra o clérigo papista, *jesuítas*, *monges*, *sacerdotes*, *frades*, e o restante dessa ralé? Quanto à *fome*, ela começa a invadir toda a *cristandade*, de modo que um país não pode auxiliar os outros, como faziam em tempos anteriores. Em qualquer memória humana viva, o *cereal* nunca foi tão caro entre nós como ele é agora. Quão longe pode avançar essa *fome* que se iniciou e a que extremos ela pode conduzir o nosso país e os de outros, nenhum homem pode dizer. Agora não é a hora de ser feito *emplastro para a praga*, procurar *provisão* para a *escassez*, e providenciar *proteção* contra a *espada*? As *mazelas* dessas flechas são tais que determinar qual delas é pior não é uma

8 - A história geral da França tem um catálogo de 90 vilas e lugares reféns por causa dos religiosos, que foram reduzidos nessas últimas guerras.

9 - *Clericorum Donatistarum atrocina sic vastant Ecclesias, ut Barbarorum fortasse facta mitiora sint.* Aug. Epist. 122.

tarrafa fácil. Estou certo de que a menor delas é tão *ruim* que há justa causa para utilizar todos os meios possíveis para preveni-la e removê-la. Os *tratados* oferecidos a vós tendem para esses propósitos. Neles encontrareis (além de diversos outros pontos úteis) os níveis extremos e os remédios para a *praga*¹⁰, *fome*¹¹, e *espada*¹². Com tal mente, aceitai-os como vos são oferecidos, por aquele que pensa que nenhum esforço é demasiado para o vosso bem, que sempre está pensativo a vosso respeito, e humilde e sinceramente deseja a ajuda de vossas orações; de quem, embora fraco no corpo, enquanto retiver qualquer força competente para lhes prestar qualquer serviço, deseja ser *vosso fiel ministro*.

William Gouge

10 - § 71, 72, 51, 65, etc.

11 - *A Remoção da Fome*, §4, 5, 6, etc.

12 - *A Conquista da Igreja*, §83, 85, 9, 10, etc. *Dignity of Chivalry*, §15, 16, etc.



ÍNDICE

§ 1. Da resolução de toda a história.....	17
§ 2. Da exposição da observação de Nm. 16.44.....	21
§ 3. Dos julgamentos como uma consequência dos pecados.....	22
§ 4. Dos pecados que causam o julgamento.....	24
§ 5. Dos cursos a serem tomados, quando o pecado é encontrado.....	26
§ 6. Dos casos em que devemos buscar abrandar a ira de Deus.....	27
§ 7. Do afastamento do pecado para remover o julgamento.....	28
§ 8. Dos julgamentos preditos por Deus.....	30
§ 9. Do revelar da mente de Deus aos seus ministros.....	31
§ 10. Dos fundamentos que os ministros atualmente possuem para predizer os julgamentos.....	33
§ 11. Do significado e das doutrinas da primeira parte do verso 45 de Números 16.....	34
§ 12. Do livramento dos piedosos da destruição dos ímpios.....	38
§ 13. Dos casos em que os santos partilham dos julgamentos públicos.....	39
§ 14. Das muitas maneiras de livrar os santos dos julgamentos.....	41
§ 15. Do cuidado de Deus com os santos que estão misturados com os ímpios.....	42
§ 16. Da morte dos crentes causada pela praga.....	44

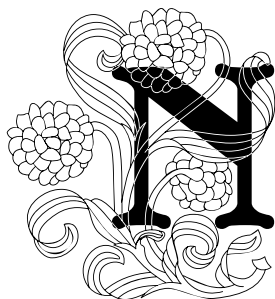
§ 17. Do evitar a comunhão com os ímpios, para evitar o seu julgamento.....	46
§ 18. Da fuga em tempo da praga.....	47
§ 19. Do deixar as multidões no mal	49
§ 20. Da demora do julgamento por razão do piedoso estar misturado com o ímpio	51
§ 21. Da vingança de Deus contra os rebeldes.....	52
§ 22. Da completa destruição que a obstinação traz aos homens.....	54
§ 23. Dos julgamentos repentinos.....	56
§ 24. Da exposição e observações da última parte do verso 45	58
§ 25. Do sentido e observações da primeira parte do verso 46.....	61
§ 26. Do cumprimento do chamado de alguém.....	68
§ 27. Do uso dos meios autorizados para pacificar a ira de Deus.....	70
§ 28. Do sacrifício de sangue humano para pacificar a Deus	72
§ 29. Das bugigangas papistas para pacificar a Deus	74
§ 30. Da realização das coisas ordenadas junto com as devidas circunstâncias.....	75
§ 31. Da demonstração de misericórdia àqueles que erram contra nós.....	78
§ 32. Do pacificar rapidamente a ira de Deus	80
§ 33. Da expiação junto a Deus, depois da Sua ira ter sido acesa	85
§ 34. Do amor peculiar de Deus para com os homens.....	87
§ 35. Da desesperadora condição daqueles que rejeitam a reconciliação.....	88
§ 36. Do consolo dos penitentes na reconciliação.....	90



O REMÉDIO PARA A PRAGA

§ 1. DA RESOLUÇÃO DE TODA A HISTÓRIA

Números 16.44-49



esta história, temos um *emplastro para a praga*; um emplastro que *probatum est*¹. Pois esse emplastro, sendo aplicado à praga, a praga cessou (v. 48).

As partes são: [1. A *causa* da praga.
2. A *cura* da praga.

A causa é: [*Procurativa*
Impositiva

A *causa procurativa* é apontada por esta conjunção copulativa “e”, a qual aponta o pecado do povo, declarado no verso 42 e 43.

A *causa impositiva* foi o Senhor. Pois ele diz “eu consumirei”. E sobre Ele, Moisés diz: “a ira saiu do Senhor” [v. 46].

1 - N.T.: “um emplastro que é aprovado”

Quanto a cura dessa praga há: [1. Uma *predição* dela: “*falou*” [v. 44].
2. Uma *prescrição* para ela.

Na *predição* são expressos:

1. O *ministro* a quem a cura foi prescrita: “*a Moisés*”.
2. O *assunto* que foi predito.

No estabelecimento do *assunto* [v. 45], há:

1. Uma *admoestação* observada.
2. Uma *resolução* intencionada.

Na admoestação há:

1. As pessoas: [Quem: “*vós*”².
De quem: “*do meio desta congregação*”.
2. O objetivo: “*levantai-vos*”.

A *resolução* é de um julgamento [v. 45]:

1. *Intencionado*: “*para que eu possa*”.
2. *Agravado por*: [Sofrimento: “*consumi-la*”.
Subtaneidade: “*como em um momento*”.

Na *prescrição* há:

1. Um *remédio*.
2. A *eficácia* dele (v. 48).

O *remédio* é estabelecido por um: [1. *Padrão*.
2. *Preceito*.

No *padrão*, nós temos:

1. As pessoas: “*eles*”.
2. A prática delas: “*caíram sobre seus rostos*”.

2 - N.T.: “Vós” refere-se a Arão e Moisés

O preceito é: [1. *Proposto*.
2. *Provado* como necessário.

Ao propor o preceito [v. 46], podemos observar:

1. *As pessoas*: [Quem encarrega: “*Moisés disse*”.
Quem é encarregado: “*a Arão*”.

2. O que é *prescrito*. Nele declara:

I. Os meios a serem usados: “*Toma o teu incensário, e põe nele fogo do altar, e põe incenso nele*”.

II. A *coisa* a ser realizada.

Os meios são: [*Instrumental*.
Principal.

Os meios instrumentais são: [*Incensário*.
Fogo.

O fogo é intensificado pelo *lugar* de onde ele é tomado: “*do altar*”.

O meio principal foi o incensário: “*põe incenso*”.

A *coisa* a ser realizada é: [*Expressa*.
Ampliada.

A expressão é essa: “*faz expiação*”.

A ampliação estabelece:

1. *As pessoas* por quem [seria a expiação]: “*a congregação*”.

2. O *modo*, ou o tempo: “*depressa*”.

A *prova* da necessidade daquilo que é prescrito é tomada a partir do julgamento iminente, o qual é:

1. Indefinidamente anunciado.

2. Determinadamente expressado (v. 49).

Duas coisas são indefinidamente anunciadas:

1. A *causa* do julgamento.
2. O *tipo* de julgamento.

A causa é a *ira* agravada pelo autor dela: “a ira saiu do Senhor”.

O tipo é de praga, evidenciado pelo início dela: “começou a praga”.

Para demonstrar a *eficácia* do remédio mencionado anteriormente, é relatado,

1. Como ele foi *utilizado*.
2. Como, no uso dele, foi *aprovado*.

O *modo* do seu uso [v. 47] é,

1. Proposto de modo geral: “E Arão o tomou, como Moisés havia ordenado”.
2. Exemplificado de modo particular.

Na exemplificação particular, é expresso:

1. A *velocidade* com que foi feito: “e correu ao meio da congregação”.
2. A *razão* ratificada: “e eis que a praga já havia começado entre o povo”.
3. Os *meios* utilizados: “e colocou incenso nele”.
4. A *coisa* efetuada: “e fez expiação pelo povo”.
5. O *modo* de fazer isso: “E ficou entre os mortos e os vivos” [v. 48].

A *prova* da eficácia no uso do remédio supracitado é manifestado pelo *efeito* que se seguiu disso: “e a praga cessou”.

A expressão precisa do julgamento de Deus é:

1. Manifestada pelo *número* daqueles que morreram pela praga: 14.700 [v. 49].

2. Agravada pela relação com um juízo anterior (*além dos que morreram*), o que é descrito citando uma das pessoas principais que atraíram aquele juízo sobre sua própria cabeça e sobre a cabeça do povo: “*no caso de Corá*”.

§ 2. DA EXPOSIÇÃO DA OBSERVAÇÃO DE NM. 16.44

Números 16.44: “*E o Senhor falou a Moisés, dizendo:*”

Essa primeira partícula “*e*”, sendo uma conjunção copulativa, une isto à história anterior, como justamente uma consequência que vem depois do que foi visto. Na história anterior, o pecado do povo foi estabelecido, pois, depois que o Senhor manifestou a Sua ira devastadora contra *Corá, Datã e Abirão*, junto com aqueles que tomaram parte com eles, fazendo com que a terra engolisse vivos alguns deles e enviando fogo para consumir outros deles, o povo, que viu esses espetáculos terríveis da vingança de Deus, estava tão longe de temer e tremer que, mais audaciosamente e presunçosamente, eles murmuraram e juntaram-se contra *Moisés e Arão*, assim como fez o outro que havia sido destruído. Por causa disso, o Senhor foi provocado a adicionar aos julgamentos anteriores a praga aqui observada em meu texto³. De modo que eles adicionaram pecado ao pecado [anterior], e o Senhor adicionou julgamento ao julgamento [anterior].

3 - *Sequentium accessione ad majorem se contemptum extodis. Chrys. Hom. 22 ad Pop.*

Portanto, por causa de seus pecados, o Senhor os afligiu. Por causa da multiplicação do pecado, eles atingiram um desprezo ainda maior do que o anterior.

O título que aqui é dado a Deus, e traduzido como “o Senhor”, é o Nome próprio de Deus: *Iehovah*⁴.

O *falar* de Deus aqui mencionado implica em uma manifestação extraordinária da Sua mente, e isso de modo tão evidente quanto um homem que fala a outro, e, por meio disso, declara o que quer dizer.

A *pessoa* a quem Ele falou foi *Moisés*⁵, aquele que foi feito tanto um *príncipe* como *profeta* daquele povo.

Três observações especiais são bem notórias aqui:

I. *Os julgamentos são consequências do pecado.* A consequência dessa praga sobre o pecado do povo dá aqui essa evidência.

II. *Deus prediz o que Ele intenta fazer contra os pecadores.* Pois o falar de Deus aqui mencionado foi uma predição daquilo que Ele intentava contra os rebeldes *israelitas*.

III. *Deus revela a Sua mente aos Seus ministros.* *Moisés*, a quem Deus aqui fala, era Seu *ministro*. Seu ministro para *governar* e *instruir* o Seu povo.

§ 3. DOS JULGAMENTOS COMO UMA CONSEQUÊNCIA DOS PECADOS.

I. **O**s julgamentos são consequências do pecado⁶. Observe os julgamentos registrados na Escritura e você poderá facilmente encontrar que o pecado é a causa de tudo. O primeiro juízo que

4 - Veja A Conquista da Igreja, em Êx. 17.15 § 72.

5 - Veja A Conquista da Igreja, em Êx. 17.9 § 9.

6 - Veja § 2.

foi infligido sobre uma criatura foi *lançar os anjos no inferno* (2 Pe. 3.4), e estes são mencionados expressamente como *anjos que pecaram*. O próximo foi sobre a *serpente*, a quem o Senhor assim disse: *porque tu fizeste isso, tu és amaldiçoada* (Gn. 3.14). De modo similar a *Adão: porque tu comeste [...], amaldiçoada* (Gn. 3.17). Assim, o dilúvio que veio sobre todo o mundo (Gn. 6.5), o fogo sobre *Sodoma e Gomorra* (Gn. 18.20), as pragas do *Egito* (Êx. 3.9; 5.6), os julgamentos no deserto (Hb. 3.17), no tempo dos *juizes* (Jz. 2.20), e posterior a isso, tudo isso foi por causa do pecado. Contudo, para não insistir em mais particulares em um caso tão claro, o *homem sábio* expressamente diz: *a perversidade derruba o pecador* (Pv. 13.6). Aquele que reconhece isso, louva a justiça de Deus.

Objecção: Os dolorosos julgamentos que caíram sobre *Jó* não foram consequências do pecado.

Resposta: 1. Certamente *Jó* não estava livre de todo pecado, pois *não há homem que não peque* (1 Rs. 8.45). Antes do homem ter pecado, ele era livre de todo julgamento; e será livre do pecado, quando novamente estiver sem pecado. Portanto, os santos, em suas aflições, têm confessado os seus pecados, porque sabiam que eles estavam sendo merecida e justamente humilhados.

2. Distinção deve ser feita entre [tipos de] julgamentos. Alguns são para evidência, prova e exercício das graças que Deus concede aos homens (1 Pe. 1.7; Tg. 1.3)⁷. Outros são para punição do pecado, e eles são para trazer um pecador ao arrependimento (2 Cr. 33.12), ou para torná-lo um exemplo da justa vingança (Jd. 7). Os julgamentos que caíram sobre *Jó* foram do primeiro tipo. Os julgamentos propostos no ponto em que estão são do segundo tipo.

7 - Veja § 50.

Por um lado, a oposição direta que há entre o pecado e a pureza de Deus; por outro lado, o santo zelo e a perfeita ira de Deus contra o pecado, Sua justiça imparcial, Sua verdade em executar aquilo que Ele ameaça, Seu cuidado em manter outros de serem infectados, Sua sabedoria em fechar a boca daqueles que estão sendo punidos, e as muitas consequências prejudiciais que podem cair sobre os pecados impunes (uma vez que eles não exercem juízo sobre a cabeça dos tais, pela impenitência deles, antecipam os juízos sobre pecadores notórios).

§ 4. DOS PECADOS QUE CAUSAM O JULGAMENTO.

1. **A** ordem que Deus deu a *Josué* (quando ele e os homens de *Israel* com ele fugiram diante dos homens de *Ai*), de procurar e remover dentre eles a coisa amaldiçoada, proporciona uma direção muito pertinente quanto ao ponto em questão, que é: quando nós vemos qualquer julgamento pairando sobre as nossas cabeças, ou o percebemos cair sobre nós, devemos procurar rigorosa e minuciosamente pela causa do julgamento. Nada geralmente traz tanto os pecados à mente e memória dos homens, como os julgamentos. Por isso, o profeta que escreveu *Lamentações*, sobre graves julgamentos que tinham recaído sobre os israelitas, dá este aviso: “*vamos buscar e avaliar os nossos caminhos*” (Lm. 3.40). Em uma ocasião semelhante, a qual foi a manifestação do desprazer de Deus por meio de julgamentos visíveis, o Apóstolo dá este aviso: “*examine-se o homem a si mesmo*” (1 Co. 11.28, 31).

Se os julgamentos forem públicos, seria útil procedermos dessa maneira em nossa busca:

1) Observe quais são os pecados mais comuns e públicos do lugar ou do povo onde o fogo da ira de Deus aparece. Esses eram

os pecados que o próprio Deus apontou assim com o dedo ao seu profeta: “*Não vês tu que eles fazem nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém?*” (Jr. 7.17)

2) Note até onde cintilam tais pecados e como são tolerados pelos magistrados e ministros. Pois isso provoca Deus a tomar a espada em Suas próprias mãos; dessas coisas procederam os públicos e terríveis julgamentos. Um exemplo disso é o caso de *Eli* (1 Sm. 3.13).

3) Considere até onde se espalha o contágio desses pecados públicos. Pois quando a infecção de um pecado é difundida tão amplamente, longe e perto, o Senhor é forçado a enviar alguns julgamentos públicos, para, por meio deles, visto que eram como o fogo, expurgar o ar. “*Todo o Israel transgrediu*”, diz Daniel, “*portanto a maldição está derramada sobre nós*”.

4) Veja até onde aqueles que professam a religião entregam-se à corrupção do seu tempo. Pois esses, pelos seus pecados, inflamam muito a ira de Deus, porque especialmente eles fazem com que o Nome de Deus seja blasfemado. *Davi* é testemunha disso (2 Sm. 12.14; Rm. 2.24). A mistura dos *filhos de Deus* com as *filhas dos homens* causaram o dilúvio (Gn. 6.2).

5) Que, especialmente, cada um examine a si mesmos e procure seus próprios pecados e observe devidamente até onde ele tem seguido as oscilações do seu tempo e lançado-se na iniquidade dele. Todos deveriam suspeitar muito de si mesmos e temer, para que seus pecados, entre e sobre outros, não inflamem o fogo da ira de Deus. Todos (caso se perceba devidamente) podem conhecer mais o mal de si mesmo, e então, ele pode justamente suspeitar de outros. Pois os homens conhecem as suas próprias partes interiores; seus próprios pensamentos e imaginações. Neste aspecto, embora outros cometam mais enormidades externas e grosseiras do que eles mesmos, contudo, eles também

estão encerrados em um mar de corrupções em si mesmos, de modo que todos eles têm motivo para dizer: “*dos pecadores eu sou o principal*” (1 Tm. 1.15).

§ 5. DOS CURSOS A SEREM TOMADOS, QUANDO O PECADO É ENCONTRADO.

2. **O**s pecados, a causa do julgamento, sendo procurados por estes, não podemos tolerar que permaneçam e que continuem a inflamar a ira de Deus; porém, assim como desejamos que o fogo se vá, também devemos remover esse combustível. O fogo irá tão longe quanto ele tiver combustível para queimar, porém, mais e mais quente. Agora, o combustível da ira de Deus é removido:

1) Quando a alma está com espinhos e perfurada com o pecado, e isso opera uma tristeza piedosa no coração, como a tristeza que foi operada nos *coríntios* (2 Co. 7.9).

2) Quando, naquele toque do coração, a verdadeira confissão do pecado é feita a Deus. “*Se confessarmos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar os pecados*” (1 Jo. 1.9). Natã, sobre este fundamento, pronunciou o perdão a *Davi* (2 Sm. 12.13).

3) Quando, em tal confissão, a mente é disposta de modo diferente do que era antes; repugnando os pecados que antes eram amados, como aquela que fez do seu cabelo uma toalha, o qual utilizava antes para proclamar a sua luxúria (Lc. 7.38).

4) Quando essas obras repugnantes operam um propósito verdadeiro e resolutivo de nunca mais retornar a esses pecados novamente. Como aquele que disse: “*Tomarei cuidado nos meus caminhos*” (Sl. 39.1).

5) Quando esse propósito de realizá-lo mais firmemente é ratificado por uma promessa, voto e pacto solene. Temos um padrão digno da parte dos judeus nos tempos de *Neemias* (Ne. 9.38).

6) Quando um esforço fiel é correspondente a tais propósitos, promessas, votos e pactos, como aquele que disse: “*Teus votos estão sobre mim, ó Senhor*” (Sl. 56.12). Assim como o vínculo de um credor a quem um homem que se diz honesto está vinculado, o mesmo também repousa sobre o devedor, que ele não está quitado até que seja dispensado, assim também era o voto que ele tinha feito a Deus.

7) Quando, acima de tudo, a remissão [dos pecados] e a reconciliação [com Deus] são fervorosamente buscados em Deus, e se crê firmemente. Isso é principalmente proposto pela *expição*, da qual será falado doravante.

§ 6. DOS CASOS EM QUE DEVEMOS BUSCAR ABRANDAR A IRA DE DEUS.

O caminho, que foi dito antes para evitar o julgamento de Deus, deve ser tomado,

1. Quando o fogo da ira de Deus fumeja em nossas orelhas e já consumiu a muitos diante dos nossos olhos, como a praga no tempo de Davi (2 Sm. 24.15).

2. Quando há apenas uma fumaça que demonstra que o fogo está aceso, embora o fogo não siga adiante; como quando *Moisés* ouviu Deus dizer: “*Deixa-me só, para que minha ira se acenda contra eles*” (Êx. 32.10). Ameaças do julgamento são relativas à ira de Deus, do mesmo modo como a fumaça é ao fogo. Tal fumaça fez com que os *ninivitas* se arrependessem (Jn. 3.5).

3. Quando observamos que as causas, que podem acender e inflamar a ira de Deus, abundam, como todo tipo de pecados notórios. Foram os pecados do povo que fizeram *Cristo chorar por Jerusalém* (Lc. 19.41). Ele sabia que, por causa deles, essa dura vingança deveria necessariamente cair sobre a cidade.

4. Embora não vejamos qualquer fogo aparente, nem fumaça, nem alguma causa notória, ainda assim, quando temos uma justa causa para suspeitar e temer, ou qualquer um destes. Isso é observado em *Jó, que, quando os dias dos banquetes dos seus filhos terminavam, enviava Jó, e os santificava [...]; porque Jó dizia: Pode ser que meus filhos tenham pecado* (Jó 1.5). Porque ele suspeitou que eles poderiam ter provocado a ira de Deus, ele usou dos meios para pacificar essa ira.

§ 7. DO AFASTAMENTO DO PECADO PARA REMOVER O JULGAMENTO.

O ponto que foi mencionado antes concernente à remoção dos julgamentos de Deus, agora, em particular, e segundo um modo específico se relaciona conosco, que estamos igualmente na chama do fogo da ira de Deus⁸; e, por causa disso, nos reunimos juntamente para jejuar e orar mais do que do modo ordinário para buscar a graça e favor de Deus; para que, assim, esse dia de humilhação possa se provar um dia de reconciliação. Para esse fim, nesse dia, entraremos em um Pacto solene com Deus; e, do mesmo modo como desejamos ter esse fogo ardente da praga extinto ou, ao menos, diminuído, assim também [devemos desejar] remover as causas que acenderam o

8 - O segundo dia de Julho de 1625 foi o primeiro dia apontado para jejum público, quando morreram 405 pessoas da praga em uma semana.

fogo, tanto quanto pudermos, para que as encontremos removidas. Quando os judeus, após o cativo, no dia de jejum, entraram em um novo Pacto com Deus, eles removeram *as esposas e os filhos estrangeiros* que possuíam, pois, ao tomá-los, eles pecaram, e continuar com eles teria sido continuar no pecado (Ed. 10.3; Ne. 9.2). De modo similar, ainda que estejamos casados com os nossos pecados como esposas, e os nossos pecados sejam tão queridos como esposas e filhos podem ser, ainda assim, devemos colocá-los para fora; senão, nem as nossas pessoas, nem as nossas orações, nem qualquer culto que prestarmos podem ser aceitáveis a Deus. Pecados guardados são como o *amargor* que havia nas águas de *Mara*, o que fez com que não pudesse ser bebida (Êx. 15.23); e como o *peso* daquela cabeça do machado, que fez com que afundasse na água (2 Rs. 6.5); e como aquela *nuvem espessa*, da qual o povo diz assim: “*nossas orações não podem passar por ela*” (Lm. 3.44). De fato, são como aquelas *cabaças bravas* que trouxeram a morte na panela (2 Rs. 4.39). Porém, fé e arrependimento são como a *árvore* que foi lançada nas águas e as tornou doce; como a *vara* que, sendo lançada na água, fez o ferro boiar; como o *vento* que levou embora a nuvem espessa; e como a *refeição* que limpou o pote. Por isso, assim como desejamos ter nossas pessoas, orações e outros serviços aceitáveis a Deus, e a violência dessa pestilência acalmada, sim, desejamos que esse e outros julgamentos sejam removidos, que removamos a causa de todos eles; que removamos os nossos pecados. Se a causa for removida, o efeito rapidamente será removido em seguida.

§ 8. DOS JULGAMENTOS PREDITOS POR DEUS.

II. **D**eus prediz aquilo que intenta contra os pecadores⁹. Isso Ele fez preparando uma *arca*, antes de vir o dilúvio (Gn. 6.14); enviando *Ló* até *Sodoma*, antes dela ser consumida (Gn. 19.1); enviando *Moisés* e *Arão* até *Faraó*, antes da sua terra ser empes-teada (Êx. 5.1); e levantando *profetas* e os enviando vez após vez aos *israelitas* (2 Cr. 36.15).

Isso Deus faz para conduzir os homens, se for possível, ao arrependimento, como *Ezequias* e o seu povo (Jr. 26.18, 19), e o rei de *Nínive*, juntamente com o seu povo, se arrependeram por meio disso e o julgamento foi evitado (Jn. 3.5); ou, contrário a isso, para tornar os homens mais inescusáveis e para justificar a severidade de Deus contra os homens, e para dar evidência que os julgamentos vieram sobre os homens não pela chance, mas da parte de Deus.

1. Por meio disso, temos evidência da paciência de Deus. Ele não pensa em irar-se até que seja excessivamente provocado. Por isso se diz que Ele é *tardio para se irar* (Jn. 4.2). E quando Ele é provocado para tomar vingança, Ele ameaça antes de ferir. Pois *Ele não aflige de bom grado* (Lm. 3.33). Ele diz e jura isso: “*não tenho prazer na morte do perverso*” (Ez. 33.11). E podemos bem crer que Ele é *tardio para tomar vingança*, pois a vingança é para Ele a “*Sua estranha obra, [...] Seu estranho ato*” (Is. 28.21); uma obra e um ato aos quais Ele é, em um certo sentido, forçado, os quais Ele não faria, se, de modo contrário, pudesse manter a Sua honra. Por isso, aqueles sobre quem o julgamento recai, têm motivo para confessar a Deus e dizer: “*Ó Senhor, justiça pertence a ti, porém a nós confusão de faces; [...] pois não obedecemos a Sua voz*” (Dn. 9.7, 14).

2. Essa maneira de Deus proceder com os pecadores dá uma demonstração da dureza e impenitência do coração do homem, que não será trazido para se sujeitar. Tal coração é adequadamente chamado de *um coração de pedra* (Ez. 11.19), pois uma pedra pode ser quebrada em pedaços, sim, abatida até ao pó, mas nunca se tornará flexível; tais corações dos homens poderão ser confundidos com os julgamentos de Deus, mas nunca serão amolecidos, nem serão feitos flexíveis para a Sua vontade. Se as ameaças ou predições dos julgamentos pudessem operar sobre os tais, Deus jamais operaria a Sua estranha obra. Julgamentos são preditos como que já vindos, para que o povo se arrependa e estes não venham; os quais ainda virão, como predito, caso o povo continue no pecado. Leia e considere Jeremias 26.18, 19.

§ 9. DO REVELAR DA MENTE DE DEUS AOS SEUS MINISTROS.

III. **D**eus revela a Sua mente aos Seus ministros¹⁰. Assim também Ele fez a Noé (Gn. 6.13), Abraão (Gn. 18.17), Moisés (Êx. 3.8), e com outros profetas. Para omitir outros casos particulares, é dito de modo indefinido nesse exemplo: “*Certamente o Senhor Deus não fará nada sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas*” (Am. 3.7).

Deus não manifesta o Seu propósito aos Seus ministros por amor a eles somente, mas porque eles podem declarar a outros aquilo que foi feito conhecido a eles. Neste fundamento, o Senhor diz ao Seu profeta: “*ouve a palavra da minha boca, e dê-lhes o meu aviso*” (Ez. 3.17). Agora, por este meio de manifestar a Sua mente, pelo ministério do homem, Deus manifesta a Sua providência e prudência.

10 - Veja § 2.

1. Sua *providência* em ordenar tais meios, visto que é o mais apropriado por causa da enfermidade do homem, pois o homem pode melhor suportar outro homem a falar com ele e declarar aquilo que foi dado a conhecer. Quando o próprio Deus entregou os Seus dez oráculos às pessoas do Seu povo, eles ficaram aterrorizados, de modo que eles “*disseram a Moisés: Fala tu conosco, e ouviremos, mas não permitas que Deus fale conosco para que não morramos*” (Êx. 20.19). Sim, quando Zacarias, um sacerdote ancião, viu um *anjo* que trazia até ele uma alegre mensagem, ele “*ficou perturbado, e o medo caiu sobre ele*” (Lc. 1.12).

2. Sua *prudência* em ordenar meios tão insignificantes para provar o respeito do homem para com Deus; se alguém der crédito e prestar obediência à Palavra de Deus, será porque é a Palavra de Deus, por amor ao Senhor, e não por amor ao mensageiro. Por isso os *tessalonicenses* foram louvados, *porque, havendo recebido de nós a Palavra de Deus que foi ouvida da parte dos homens, eles não a receberam como palavra de homens, mas como a Palavra de Deus* (1 Ts. 2.13).

Oh! Que nós, de modo similar, testifiquemos o nosso reconhecimento da providência e prudência de Deus ao recebermos, como da parte de Deus, aquilo que é entregue a nós pelos Seus ministros. Deveríamos testificar desta maneira a consideração a Deus, uma vez que isso fará Ele evidenciar a Sua boa consideração para conosco.

§ 10. DOS FUNDAMENTOS QUE OS MINISTROS ATUALMENTE POSSUEM PARA PREDIZER OS JULGAMENTOS.

Objeção. Os ministros não têm agora tal conhecimento certo sobre a mente de Deus, como os antigos profetas e apóstolos, aos quais Deus tornava a Sua mente conhecida de modo imediato e infalível.

Resposta: *Temos uma palavra mais segura* (2 Pe. 1.19), a saber, as *Santas Escrituras*, as quais foram *dadas pela inspiração de Deus* (2 Tm. 3.16). Estas mostram quais pecados ofendem mais a Deus e quão rápido virá a vingança da parte de Deus sobre aqueles que os cometem. De modo que, quando os ministros veem tais pecados sendo cometidos impudente e impenitentemente, eles podem bem inferir que Deus tem por objetivo enviar algum julgamento ao povo. Com esse propósito é que o Apóstolo reconhece muitos pecados que os *israelitas* cometeram no deserto e os julgamentos que se seguiram por conta disso, para que não pequemos como eles pecaram (1 Co. 10.6), e “*caia no mesmo exemplo de incredulidade*” ou desobediência (Hb. 4.11).

Sobre este fundamento, muitos ministros, notando bem os pecados desses tempos, predirão aquilo que Deus trará sobre essa cidade, ou uma praga, ou algum outro julgamento. E, no início do ano, muitos predisseram particularmente a própria praga. A ameaça deles foi pouco considerada; pouca ou nenhuma reforma se seguiu disso; agora, portanto, a praga está entre nós.

Agora que a praga já começou, que nós, meus irmãos, sejamos admoestados a nos arrependermos; e, visto que um jejum foi proclamado¹¹, que, então, guardemos isso da maneira cor-

11 - Um jejum público foi proclamado para ser observado semanalmente,

reta, em verdadeira humilhação de alma e contrição de espírito; arrendando os nossos corações, voltando para o Senhor; jejuando [e se afastando] do pecado, da mesma maneira como do alimento. *Prepara-te para encontrar o teu Deus, ó Inglaterra!* Esse início é uma demonstração real da praga maior que ainda virá. Se a ira de Deus não for apaziguada através de humilhação e conversão maior do que a ordinária, essa praga será maior do que jamais foi antes em nossos tempos e dos nossos pais, até que esvazie essa cidade e faça os ouvidos daqueles que ouvem a respeito disso formigarem novamente. “Rugiu o leão, quem não temerá? O Senhor Deus falou, quem não profetizará?” (Am. 3.8)

§ 11. DO SIGNIFICADO E DAS DOCTRINAS DA PRIMEIRA PARTE DO VERSO 45 DE NÚMEROS 16.

Números 16.45: *Levantai-vos do meio desta congregação, para que eu possa consumi-la num momento.*

A primeira cláusula aqui observada é uma admoestação para evitar o julgamento intentado. A palavra que se traduz por “*levantai-vos*” significa propriamente *levantar a si mesmo*¹². Os judeus ainda interpretam frequentemente essa palavra com uma outra que significa “*separar-se*”. Foi dito antes, no verso 42, que *a congregação se reuniu contra Moisés e contra Arão*. A partir disso, é provável que eles temeram e, junto com o temor, *caíram* [v. 45] (assim como costumamos dizer), e em consideração a isso o Senhor falou assim com eles: “*levantai-vos*”.

toda quarta-feira, enquanto a praga continuou.

12 - *וַיִּמְרָהוּ אֶל הַרְבֵּעַ וַיִּמְרָהוּ אֶל הַרְבֵּעַ* *a radice פָּרַח elevatus fuit. In hiphil elevavit se. Targum sape per separavit. Hoc in loc separate vos.*

Embora Ele tenha falado somente com *Moisés* no verso anterior, ainda assim, aqui fala no plural (“*levantai-VOS*”), para mostrar que também considerava, de fato, a segurança de *Arão* e de todos que não fizeram parte da conspiração.

Além disso, porque a multidão se *reuniu contra eles* [v. 19], Ele adiciona “*do meio*”¹³, “*dentre*” essa assembleia. A palavra que se traduz por *congregação*¹⁴ significa propriamente uma assembleia que se reúne por meio de uma designação. A palavra que significa *lugar* ou *tempo* apontado para se reunir juntamente é derivada da mesma raiz. Isso implica que essa era uma multidão que, de si mesma, designou e conspirou fazer aquilo que fez.

A partícula “*desta*” serve para enfatizar, pois ela distingue essa assembleia rebelde do restante dos israelitas que não conspiraram juntamente com eles.

A partícula que junta a cláusula seguinte a essa é uma conjunção copulativa: “*e*”. Fica assim, palavra por palavra: “*Levantai-vos do meio desta congregação E a consumirei*”; de modo que isso implica que Deus não destruiria a multidão que pecou, até que aqueles que não tinham pecado com eles fossem separados deles. A nossa língua inglesa traz o que pode pelo uso da partícula que significa o *fim* da ação, dessa maneira: “**PARA QUE** eu possa consumi-la”. Outros expõem esse verso com uma partícula causal, dessa maneira: “**POIS** a consumirei”. Todas se inclinam para a mesma coisa.

A intenção é estabelecer uma palavra que signifique uma destruição total de todos eles¹⁵. Ela é usada algumas vezes no sentido positivo e significa uma finalização completa, absoluta e perfeita

13 - מִתּוֹךְ

14 - הַעֲדָתָהּ de עָדָה *condixit, indixit*.

15 - הַלְכֵתָהּ

de uma coisa, como onde é dito que *Deus terminou*, ou finalizou, ou aperfeiçoou a *Sua obra* (Gn. 2.2). Ela também é usada no sentido negativo, aplicada ao julgamento ou destruição, e significa uma completa e final destruição de tudo que é apontado para a destruição, como quando o profeta disse a *Joás*: “*Terias ferido a Síria até tê-la consumido*” (2 Rs. 13.19). Essa palavra é utilizada aqui nesse sentido. Essa ameaça é assim dada porque eles não tinham se corrigido por meio de outros julgamentos, mas continuavam na sua obstinação, como as histórias nesse capítulo evidentemente demonstram.

Para agravar ainda mais o julgamento intentado, é adicionado “*num momento*”, ou trocando uma palavra por outra: “*como que repentinamente*” ou “*em um momento*”. A frase “*num momento*”, na nossa língua inglesa, implica numa ação rápida, veloz e repentina de uma coisa, como quando *Abisai* falou a *Davi* a respeito de *Saul*: “*deixe-me feri-lo [...] de uma vez*” (1 Sm. 26.8). Se ele pudesse dizer de modo mais amplo, seria como se dissesse: “eu não terei muito mais o que fazer, nem será um assunto longo; eu não ferirei com muitos golpes; eu irei despachá-lo rapidamente com um só golpe”. Alguns tradutores da língua inglesa expõem a palavra no texto como “*rapidamente*”.

Aqui, nós temos uma mistura de: [*Misericórdia.*
Justiça.

Misericórdia em buscar preservar alguns.

Justiça em resolver destruir outros.

O *primeiro* é expresso em uma *admoestação*.

O *último* em uma *resolução*.

A admoestação declara,

1. *A mente de Deus*: que Ele não queria que [Moisés e Arão] perecessem.

2. *O comportamento do homem*,

Observado assim: [1. Sua ação: “*Levantai-vos*”
2. A companhia: “*do meio dessa congregação*”.

A resolução expressa: [1. O autor do julgamento.
2. O tipo de julgamento.

O autor é o Senhor. “*Para que eu possa*”, diz Deus.

O tipo de julgamento é estabelecido:

1. *A substância intentada*: “*consumi-la*”.

2. *O modo de fazer isso*: “*num momento*”.

A conexão da resolução com a admoestação (“**PARA QUE** eu possa”, ou “*E eu consumirei*”) implica na relutância de Deus em afligir o justo juntamente com o injusto.

Sete doutrinas principais são aqui recomendadas para a nossa devida consideração:

I. *Deus não é inclinado a fazer o justo perecer juntamente com o injusto*, pois, quando Ele pensa em destruir o injusto, avisa aos que são justos para escapar.

II. *Aqueles que querem evitar o julgamento que cai sobre o ímpio, deve evitar a comunhão com eles*. A ação aqui adicionada, “*levantai-vos*”, indica isso.

III. *As multidões que conspiram em maldade devem ser deixadas*. A palavra *congregação*, a qual eles deveriam deixar, implica nisso.

IV. *A mistura do piedoso com o ímpio faz com que o julgamento se demore*, pois, ao dizer “*levantai-vos E eu os consumirei*”, ou “**PARA**

QUE *eu possa consumi-la*”, Ele declara que não consumiria um até que o outro fosse embora.

V. *O Senhor se vingará contra o rebelde*, pois Ele é quem diz: “*para que eu possa consumi-la*”.

VI. *A teimosia, depois de alguns golpes, causa a completa destruição*. Golpe após golpe havia sido dado antes, pois a terra engoliu alguns e o fogo devorou outros, ainda assim eles persistiram na sua rebelião; portanto, agora, diz Deus: “*eu os consumirei*”.

VII. *A subitaneidade adiciona muito à severidade de um julgamento*, pois Deus, intentando a severidade, ameaça fazer aquilo que intentava “*num momento*”.

§ 12. DO LIVRAMENTO DOS PIEDOSOS DA DESTRUÇÃO DOS ÍMPIOS.

I. **D**eus não deseja que o justo pereça com o injusto¹⁶. S. Pedro dá três dos mais famosos exemplos que existiram acerca disto, desde a criação do mundo. O primeiro é dos *anjos*: quando eles caíram, foram lançados no inferno, e os outros foram preservados no céu (2 Pe. 2.4). O outro é do *mundo antigo*: quando foi submergido, Noé e sua família foram preservados na arca [v. 5]. O terceiro é de *Sodoma e Gomorra*: quando eles foram destruídos com fogo e enxofre, Ló e suas duas filhas foram mantidos vivos [v. 6]. A partir daí, o Apóstolo infere essa conclusão muito pertinente para o nosso propósito: “*O Senhor sabe como livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do julgamento, para serem punidos*” (2 Pe. 2.9). A *marca* que Deus colocou sobre as testas dos homens que choraram por causa de todas as abominações que foram feitas, e esse comando que dá logo depois, “*não chegueis perto de nenhum homem sobre o qual estiver a marca*”, mostra como Deus pensa quanto aqueles que mantêm-se livres dos pecados

que causam a vingança [dEle] (Ez. 9.4, 6). Tais exortações são similares a essa: “*Sai dela, povo meu, [...] para que não recebam suas pragas*” (Ap. 18.4).

Por meio disso, Deus dá evidência que “*os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons*” (Pv. 15.3); que Ele distingue entre os tais como sendo diferentes; que Ele pode tratar os homens da mesma maneira como eles tratam com Ele; que “*com o puro te mostrará puro; e com o perverso te mostrarás indomável*” (Sl. 18.26); e que não é em vão temer a Ele e nos mantermos sem as manchas do mundo.

§ 13. DOS CASOS EM QUE OS SANTOS PARTILHAM DOS JULGAMENTOS PÚBLICOS.

Objeção. Isso seria verdade (podem dizer alguns), se isso fosse universal e infalivelmente verdadeiro, de modo que nenhum homem justo perecesse, em qualquer tempo, juntamente com o injusto. Porém, a experiência mostra evidência contrária. Pois, em todos os julgamentos públicos, vemos o justo envolvido com o ímpio. Eles podem sofrer os males temporais de duas maneiras: pelos ímpios e com os ímpios.

Resposta: Se a extensão do livramento de Deus for corretamente compreendida, se perceberá que isso é universal e infalivelmente verdadeiro, que Deus livra o justo do julgamento do ímpio. É verdade que muitas vezes os homens justos partilham de alguns julgamentos externos que os iníquos recebem sobre si, e isso acontece,

1. Quando eles se tornam cúmplices desses pecados comuns que causam julgamento. Assim como *Moisés* e *Arão* tornaram-se incrédulos no deserto, como também os outros judeus, cujos corpos padeceram lá (Nm 20.12)¹⁷.

17 - *Propeccatis eorum Deus flagel lat etiam ipsos sanctos suos.* Aug. loc. citat.

2. Quando o Sábio Senhor sabe que males maiores cairiam sobre eles, caso, então, escapassem. Foi assim quando o tempo que Deus determinou para acumular julgamento sobre julgamento chegou, até que toda a extensão da terra de *Judá* fosse desolada, sobre a qual, no início, reinava *Josias* (2 Rs. 23.29), aquele bondoso rei, que morreu pela espada do inimigo. Contudo, porque ele não viveu para ver as misérias dos tempos futuros, foi dito que ele seria *recolhido à sua sepultura em paz* (2 Rs. 22.20).

3. Quando o justo Deus deseja mostrar a fúria da Sua ira tão longe quanto o ímpio O tem provocado, para agravar o julgamento, Ele toma o justo juntamente com ele, os quais são como *carros e cavaleiros* enquanto permanecem. Dessa maneira foi tomado o bondoso *Jônatas* (1 Sm. 31.2), aquele que, se tivesse vivido, poderia ter sido um meio da preservação da casa de *Saul* da completa ruína, ainda que *Davi* tivesse sido rei. A morte do justo *Jônatas* agravou muito o pecado de *Saul* e o julgamento que veio depois disso.

4. Quando o Senhor, a quem a vingança pertence, deseja dar ao ímpio uma ocasião para esperar uma vingança certa e dolorosa, então Ele faz dos Seus santos um sinal e um exemplo sobre eles. Dessa maneira, Ele fez com que um leão matasse o homem de Deus que foi seduzido por um profeta mentiroso, de modo a transgredir a Palavra de Deus (1 Rs. 13.24). Nesse caso, diz o Apóstolo, “o julgamento deve começar pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao Evangelho de Deus?” (1 Pe. 4.17).

§ 14. DAS MUITAS MANEIRAS DE LIVRAR OS SANTOS DOS JULGAMENTOS.

Ainda assim, Deus tem os Seus caminhos e formas para livrar o justo nos casos supracitados e em qualquer outro caso que seja. Como,

1. Pelas preservações visíveis deles dos julgamentos externos; como *Ebede-Meleque* foi preservado (Jr. 39.17).

2. Ao tirá-los *do mal a chegar* (Is. 57.1). Esse foi o caso anteriormente exemplificado no bondoso *Josias*.

3. Ao ordenar o julgamento, de modo que se prove um meio para que eles honrem Deus ainda mais, e para trazer maior bem para aqueles que estão melhor preparados para aceitar o bem que eles fazem. Assim foi *Ezequiel* levado até *Babel* no primeiro cativeiro, para que pudesse profetizar em *Babilônia* aos *Judeus* que estavam lá (Ez. 1.1), os quais foram contados como bons figos em comparação aos *judeus* que estavam em *Jerusalém*, os quais eram maus figos (Jr. 24.5).

4. Ao tornar o julgamento um meio da paz, honra e prosperidade externa deles nesse mundo. Assim foi o cativeiro de *Daniel* (Dn. 2.48, 49) e seus três companheiros; e o caso de *Ester* e *Mordecai* (Et. 2.17-6.10); os quais foram meios para uma honra mais elevada e um maior avanço do que eles teriam em sua própria terra em todas as conjecturas prováveis. Por meio disso, eles também foram instrumentos especiais para fazer bem à Igreja; e seus nomes, por meio disso, são os mais honrosos, até o dia presente, na Igreja de Deus.

5. Ao retirá-los da terra para o céu, onde eles vivem estando já mortos¹⁸, por meio de um julgamento externo; sim, ao tornar os

18 - *Iusti vivunt etiam quando corpore moriuntur*. Aug. cont. Adversar. Legis &

juulgamentos em meios para livrá-los da condenação eterna. Sobre estes que morrem por meio de algum julgamento extraordinário (pois é dito deles: “*muitos dormem*” - 1 Co. 11.30), o Apóstolo diz: “*quando somos julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo*” (1 Co. 11.32). Bendita seja a espada, embora seja a espada de um inimigo mortal, que abre uma passagem no corpo para alma entrar no céu. E bendita seja a doença, embora ela seja uma praga, que confia a alma fora da prisão do corpo, para a glória celestial e a vida eterna¹⁹. De modo que, em seus sofrimentos, eles possuem seu consolo e esperança da vida eterna. Assim, nós vemos como os julgamentos dos tipos supracitados se provam como bênçãos, e como os santos que parecem perecer neles podem justa e verdadeiramente dizer “*nós teríamos perecido, se não tivéssemos perecido*”; ainda mais justamente do que aquele que disse aos seus filhos da grande honra e prosperidade que obteve em um país estranho, sendo banido para fora de sua própria nação.

§ 15. DO CUIDADO DE DEUS COM OS SANTOS QUE ESTÃO MISTURADOS COM OS ÍMPIOS.

Não vos assusteis, oh justos! Não vos assusteis com os muitos julgamentos que caem sobre o mundo, ainda que sejam terríveis. Ainda que, por razão das multidões de ímpios entre os quais viveis nesse mundo, de fato, force alguém a se queixar e exclamar “*Ai de mim, que permaneço temporariamente em*

Prophet, lib.2 cap.5

19 - *Sancti qui mala temporalia patiuntur, habent suas consolationes, & spem futuris seculi.* Aug. Epist. 122 ad Victorian.

*Mesque, para que habite nas tendas de Quedar” (Sl. 120.5), e a desejar e dizer “Oh! Que eu tivesse no deserto um acampamento temporário, para que eu pudesse deixar meu povo” (Jr. 9.2); contudo, o Senhor pode pôr-te à parte e, quando Ele vem para varrê-los com a vassoura da destruição, separar-te; e, como poucas jóias preciosas no meio de um grande montão de lixo, peneirá-los e preservá-los seguros para Si mesmo, enquanto o lixo é lançado fora. É dito de Cristo que *limpará minuciosamente a Sua eira, e recolherá no celeiro o Seu trigo, mas queimará a palha no fogo inextinguível* (Mt. 3.12). Os homens, enquanto limpam seu cereal, fazem isso de modo a limpar minuciosamente, porém, de modo que alguma palha ou joio ainda permaneça junto com o trigo, e algum trigo seja lançado fora junto com a palha; o que testemunha que, após a melhor limpeza que os homens podem fazer, ainda resta o refugo. Porém, a limpeza de Deus é uma *limpeza minuciosa*, nem um grão, nem um santo será lançado fora. Com propriedade isso é dito sobre a última limpeza do mundo no dia do julgamento; contudo, o Senhor se atenta a todo aquele que é Seu em tempo oportuno, para provê-los e, nos julgamentos mais comuns e gerais, fazer aquilo que, na Sua sabedoria, Ele julga ser mais adequado para eles. Quando *Elias* pensava que havia sido deixado sozinho em *Israel*, Deus sabia de muitos outros; Ele poderia, de fato, falar do número exato deles (1 Rs. 19.18). Portanto, tu podes, oh fiel, dizer do Senhor: “*Ele é o meu refúgio e a minha fortaleza, meu Deus; nele eu confiarei. Certamente ele te livrará do laço do passarinho e da pestilência perniciosa*” (Sl. 91.2, 3; etc.).*

§ 16. DA MORTE DOS CRENTES CAUSADA PELA PRAGA.

Pergunta. **E**ntão, como acontece que o justo morra assim como o injusto, por causa da praga?

Resposta: 1. Alguns dizem que nenhum crente verdadeiro é tomado por uma praga comum. Porém, essa é uma afirmação demasiadamente ousada, insustentável e cruel. Condenar ao inferno todos aqueles que foram tomados por aquela pestilência devoradora que, no período de *Davi*, destruiu 70.000 em três dias, é uma condenação cruel (2 Sm. 24). A experiência evidencia que muitos que têm manifestado os verdadeiros frutos visíveis de uma fé sã, consciência justa, coração honesto e um íntegro arrependimento morreram pela praga. Além disso, a Palavra de Deus sustenta o testemunho de que *“todas as coisas sucedem igualmente a todos; o mesmo destino sucede ao justo e ao ímpio”* (Ec. 9.2). *“E como morre o homem sábio? Da mesma maneira que morre o tolo”* (Ec. 2.16).

2. Outros dizem que aqueles que são verdadeiramente santos e têm uma fé justificadora verdadeira podem morrer pela praga. Porém, eles ainda adicionam que há uma fé específica que os santos podem possuir, a qual, em uma pestilência comum, os manterá seguros desta doença. Mas eu exijo dos tais a garantia e o fundamento que eles possuem para [sustentar] tal fé. Alegar uma fé sem fundamento é uma clara presunção. Eles utilizam o Salmo 91 como seu fundamento. Porém, caso notassem corretamente o escopo daquele Salmo, perceberiam que o livramento da praga não é prometido de modo diferente do que o livramento na guerra é prometido, do que do dano das bestas selvagens, caso estejam entre nós, do que de outros perigos e aflições, de fato, do

que da honra e de vida longa²⁰. Consequentemente, a promessa da preservação dos crentes deve ser tomada da mesma maneira como as outras promessas de bênçãos temporais: até onde Deus, em Sua sabedoria, considerar o livramento como bom para eles. E que crente seria livrado, se Deus considerasse isso como não sendo bom para ele? Sim, que crente não morreria da praga, caso Seu Sábio Pai considerasse ser o melhor para ele morrer daquela doença? *Davi* se contentaria em ter morrido dessa doença, caso isso parecesse bom à sabedoria divina (2 Sm. 24.17). Pois qual é a diferença se é a espada ou a doença, a pleurisia ou a praga que fazem o corpo perder a alma? Deus observa especialmente em que disposição, não por quais meios, os Seus servos deixarão esse mundo para irem até Ele²¹.

3. Portanto, sem dúvida, os verdadeiros crentes podem morrer da praga, e muitos têm sido tomados por meio de infecções comuns; contudo, de modo misericordioso, como foi mostrado antes²². E, assim como havia uma grande diferença entre *Faraó ter tirado o chefe dos mordomos e o chefe dos padeiros da prisão*, sendo a cabeça de ambos *levantada* (porém, uma ao seu alto ofício e o outro à força), do mesmo modo Deus pode fazer uma diferença ainda maior entre o piedoso e o ímpio, até mesmo quando Ele toma a ambos da prisão desse corpo, por meio da mesma doença, isto é, a praga. Ele pode, por meio disso, promover um ao céu e derrubar o outro ao inferno, assim como Ele fez com os dois ladrões pendurados na cruz.

20 - Veja *Domesticall Duties*, em Ef. 6.3. Tratado 1, §103

21 - *Quid interest utrum febris an servam de corpore solverit. Non qua occasione sed quales ad se exe ant Dominus attendit in servis suis.* Aug. Epist. 122, ad Vict.

22 - § 13

§ 17. DO EVITAR A COMUNHÃO COM OS ÍMPIOS, PARA EVITAR O SEU JULGAMENTO.

II. **A**queles que desejam evitar o julgamento que cai sobre os ímpios devem evitar a comunhão com eles²³. Com essa finalidade, Deus permitiu que uma arca fosse feita para Noé e sua família, para entrarem nela e saírem do mundo antigo, de modo que pudessem ser preservados do dilúvio universal (Gn. 6.13); e enviou os Seus *anjos* para trazerem *Ló*, e aqueles que pertenciam a ele, para fora de *Sodoma* (Gn. 19.12, 14). Com esse propósito, o povo de Deus foi avisado para *fugir do meio da Babilônia* (Jr. 50.8) e *livrar cada homem a sua alma* (Jr. 51.6); aviso que também é dado em consideração à *Babilônia* espiritual: “*sai dela*”; e isso sobre esse fundamento: para não *receberem as suas pragas* (Ap. 18.4).

Os santos, por meio da separação de si mesmos dos ímpios no tempo do julgamento, mostram seu cuidado em usar os meios que eles podem para prevenir a injúria, o que é um ponto de sabedoria recomendada pelo Espírito Santo, aqui Ele que dá essa observação de um homem sábio: “*Um homem prudente prevê o mal, e esconde-se; mas os simples passam e são punidos*” (Pv. 22.3). Esse cuidado de usar os meios para a segurança e, no uso dos meios, depender da bênção de Deus, é mui agradável a Deus. Deus prometeu que, na embarcação em que *Paulo* estava, ninguém seria perdido, contudo, quando alguns estavam prestes a deixar a embarcação, *Paulo* disse: “*Se estes não permanecerem no navio, não podereis salvar-vos*” (At. 27.22, 24, 31). Todos os meios lícitos e autorizados são a mão visível da providência invisível de Deus. Rejeitar ou negligenciar os meios é recusar tomar Deus pela mão, enquanto Ele a estende em nossa direção para seguirmos a Sua direção visível.

Portanto, é uma tola presunção, em vez de uma prudente resolução, acompanhar aqueles que estão no fogo do julgamento de Deus ou não se apartar deles, enquanto uma oportunidade justa e autorizada é oferecida. Isso é atribuído como um ponto da tolice nos *genros de Ló* (Gn. 19.14). *Josafá* também falhou muito nisso. Ele ouviu do *profeta* que *Acabe* tombaria em *Ramote-Gileade* e, ainda assim, o acompanhou até lá (1 Rs. 22.20, 32). Isso quase lhe custou a sua vida.

§ 18. DA FUGA EM TEMPO DA PRAGA.

Pergunta. Como, então, é lícito nos apartarmos da nossa própria posição e habitação em tempos de praga?

Resposta: Nesse caso, uma diferença deve ser feita entre pessoas que são livres e não estão, por qualquer vínculo especial de relação, ligadas a outros e aquelas que estão assim vinculadas. Quanto ao primeiro tipo, aqueles que são livres, eu não vejo uma razão justa por que a liberdade de escapar deveria ser negada a eles.

1. Se apartar de alguns pode ser um meio, em um [ambiente com] ar infeccioso, de nos guardar da infecção da violência. Muito combustível onde o fogo está aceso, aumenta o fervor e a violência do fogo. Multidões de pessoas, em um lugar infectado, são como combustível para o fogo da pestilência.

2. Estes, ao escaparem, fazem provisão para sua própria segurança, sem prejudicar a outros. Pois, qual prejuízo pode haver, da parte daqueles que não estão ligados por qualquer vínculo particular àqueles que permanecem, ao deixá-los?

3. O afastamento de alguns pode beneficiar e favorecer muito aqueles que ficam. Pois [os que se afastam] têm melhor oportunidade de enviar socorro a eles. Essa foi uma das razões por que o

povo não queria que *Davi* fosse ao campo, para que ele pudesse *socorrê-los fora da cidade* (2 Sm. 18.3).

4. É permitido aos tais fugir no tempo da *perseguição* (Mt. 10.23); sim, e no tempo da *guerra* (Mt. 24.16); então, por que não no tempo da praga?

Objecção 1. A praga é um golpe imediato de Deus, por meio do qual aqueles a quem designou para morrerem são feridos. Ela não é infecciosa.

Resposta. Eu admito que ela seja uma doença extraordinária, mas não imediata. O tipo de doença e os efeitos dela sobre o corpo do homem mostra que ela não é mais imediata do que muitas outras doenças. Se, porque aqueles que são designados para morrer são feridos com ela, os meios de escapar dela não pudessem ser utilizados, nenhum meio para evitar qualquer julgamento poderia ser utilizado. Quanto à infecção dela, que a experiência determine esse caso.

Objecção 2. Evitar a praga é um fruto da falta de fé.

Resposta. Não mais do que evitar outros perigos. Os homens podem, de fato, fugir por causa da falta de confiança, porém, isso mostra a fragilidade da pessoa, não a ilicitude do ato.

Objecção 3. Se alguns fogem, todos podem fugir. De modo que o doente será deixado sem socorro.

Resposta. 1. Alguns são mais obrigados a se arriscar do que outros. Como os magistrados para a preservação da boa ordem; ministros para alimentar a alma; parentes próximos para observarem os corpos daqueles que estão debaixo do seu comando, como filhos e servos.

2. Outros não estão tão sujeitos à [se arriscarem na] infecção, como os mais velhos.

3. Outros não são de tal utilidade, mas é melhor que possam ser poupados, como os mais pobres e fracos. Aqueles que diriam a Davi: “*tu vales dez mil de nós*” (2 Sm. 18.3).

§ 19. DO DEIXAR AS MULTIDÕES NO MAL.

III. **M***ultidões que conspiram maldades devem ser deixadas*²⁴.

Esse foi o elogio sobre aqueles 7.000, em Israel, aos quais Deus se atentou especialmente, porque, embora todos os demais israelitas adorassem a Baal, ainda assim não dobraram os joelhos àquele ídolo (1 Rs. 19.18); de fato, embora Elias pensasse que estivesse só (v. 10), ainda assim ele não se associaria com as multidões dos apóstatas. Muitos dos discípulos de Cristo retrocederam e não andaram mais com ele (Jo. 6.66); sobre isso, Cristo disse aos doze: “*Quereis vós também ir embora?*” (v. 67). Porém, Pedro, em nome do restante, respondeu: “*Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna*” (v. 68). Uma digna resolução. Há também uma outra resolução similar: “*Ainda que todos os homens se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei*” (Mt. 26.33). Oh! Se ele tivesse permanecido nisso! A proibição da Lei é muito pertinente neste ponto: “*Não seguirás uma multidão para fazeres o mal*” (Êx. 23.2).

O número dos homens que pecam não extenua o pecado, nem excetua do julgamento; porém, em vez disso, agrava o pecado e lança uma vingança mais severa e veloz. Multidões de pecadores são como muitas palhas, ou outro combustível, as quais, uma hora ou outra, serão incendiadas; e, sendo uma vez incendiadas,

queimam ainda mais ardentemente. Os profetas apresentam isso como sendo a causa da ira ardente do Senhor derramada sobre os judeus: que *todos eles transgrediram* (Jr. 2.29); “*desde o menor até o maior deles [...] desde o profeta até o sacerdote cada um comporta-se falsamente*” (Jr. 6.13); “*todos eles são os mais rebeldes*” (v. 28); “*nenhum homem arrepende-se da sua perversidade*” (Jr. 8.6).

Portanto, esteja longe de tomar o atrevimento das multidões de homens que conspiram no pecado, visto que sobre esse motivo devem ser temivelmente deixados em algum julgamento repentino que cairá sobre eles. Consequentemente, este é especialmente o tempo para aqueles que são justos prantearem, com jejum e oração, para humilhar suas almas diante de Deus, e guardarem-se imaculados, enquanto eles veem todos os tipos [de homens] correndo ao pecado com cobiça e impudência. De fato, muitos são excessivamente orgulhosos para declararem que essa é a razão de suas ações, a qual *Husai*, em sua afirmação política, somente encobriu, quando disse: “*a quem [...] todos os homens de Israel escolherem, dele serei eu*” (2 Sm. 16.8). O que fez aquele político maquiavélico *Aitofel*, quando a maior parte do povo se juntou com aquele que escolheu (2 Sm. 17.23)? O caminho no qual as multidões correm, “*é o caminho amplo que conduz à destruição. Mas estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida, e são poucos os que a encontram*” (Mt. 7.13, 14). E, se são poucos que a encontram, certamente menos são aqueles que se atentam ao fim daquele caminho. Pois alguns falham no início, outros no meio, a maioria [falha] quando está quase chegando no fim. Sobre isso, o nosso Senhor disse que “*muitos são chamados, mas poucos escolhidos*” (Mt. 22.14).

§ 20. DA DEMORA DO JULGAMENTO POR RAZÃO DO PIEDOSO ESTAR MISTURADO COM O ÍMPIO.

IV. *A mistura do piedoso com o ímpio é um esteio do julgamento*²⁵. Quando Deus estava prestes a destruir *Sodoma*, Ele disse a *Ló*: “*Apressa-te, [...] eu não posso fazer coisa alguma até que tu chegues lá*” (Gn. 19.22). O bom *Josias* foi um esteio para os julgamentos que Deus havia ameaçado trazer sobre *Jerusalém*, por causa dos pecados de *Manassés* (2 Rs. 22.19; 23.26; 24.3). Se houvesse apenas dez homens justos em *Sodoma*, certamente ela não teria sido, então, destruída, enquanto ainda houvesse [alguém justo lá] (Gn. 18.32).

Abraão declara a razão disso, nessa comunicação retórica com Deus: “*Tu destruirás também [...] os justos com os ímpios? Esteja longe de ti. [...] Não fará justiça o Juiz de toda a terra?*” (Gn. 18.24, 25). O Senhor Supremo de todas as coisas tem respeito tal aos Seus fiéis, de modo que Ele deseja antes poupar muitos ímpios por causa de alguns poucos justos do que destruir alguns poucos justos junto com muitos ímpios.

Eis aqui um meio da paciência e longanimidade de Deus no mundo: a mistura dos santos com os ímpios que estão no mundo. Se o número dos eleitos de Deus fosse completado, e aqueles que são santificados fossem retirados do mundo, logo haveria o fim de tudo. Muitas nações, cidades, vilas e outras sociedades são poupadas por causa de alguns santos fiéis que estão nelas. Isso certamente é a razão de Deus ter tanta paciência para com essa terra, essa cidade de *Londres* e outros lugares nesse reino. Há um remanescente de pessoas justas. Esses levantam suas mãos a Deus ordinária e extraordinariamente; o Senhor tem tal estima

por suas pessoas, por suas orações, que agem de modo a fazê-Lo esperar, como *Moisés* fez Deus esperar, enquanto estava em sua mente destruir completamente todos os filhos de *Israel* que vieram do Egito (Êx. 32.10). Deus deu a *Paulo* todos aqueles que navegavam com ele (At. 27.24). É dito que pouco antes de *Heidelberg*, no *palatinado superior*, todos os seus ministros fiéis foram retirados.

Oh! Quanta ingratidão dos ímpios no mundo! Pelo favor de Deus aos santos dispersos no mundo aqui e acolá, aqueles que vivem e gozam de qualquer consolo no mundo deveriam considerar os santos, por causa da sua paz, abundância, segurança, honras, prosperidade, liberdade, sustento, e a própria vida. Contudo, quem no mundo é mais odiado, desprezado, acusado, malignamente tratado e perseguido? Isso não é pior do que uma ingratidão monstruosa?

Porém, como esses santos são observados por Deus, por quem o Senhor (que nada deve a qualquer pessoa) tem tal consideração, visto que não somente os poupa, mas, por amor a eles, também aqueles com que eles vivem?

§ 21. DA VINGANÇA DE DEUS CONTRA OS REBELDES.

V. **O** Senhor se vingará contra os rebeldes²⁶. Isso é verdade tanto quanto àqueles que se unem em hostilidade aberta contra os santos e levantam exércitos contra a Sua Igreja, como também quanto aos que se opõem mais privadamente contra aqueles que carregam a Sua imagem, e insolentemente pecam contra Ele, assim como fazem estes conspiradores aqui. *Saiu fogo*

26 - Veja § 11. Veja mais sobre esse ponto em *A Conquista da Igreja* em Êx. 17.14, §68.

de diante do Senhor e devorou Nadabe e Abiú (Lv. 10.2). O fogo do Senhor ardeu entre aqueles que se queixavam contra Ele (Nm. 11.1). “O Senhor feriu o povo” que entregava-se à cobiça “com uma praga muito grande” (v. 33). “Cumprirei”, diz o Senhor, “contra Eli todas as coisas que mencionei a respeito da sua casa” (1 Sm. 3.12). Onde os homens são instrumentos para punir os tais, o Senhor é o autor principal. Eles são os *ministros* de Deus (Rm. 13.4), ou melhor, a *vara*, o *bastão* (Is. 10.5) e a *espada* (Is. 34.6) para ferir o Seu povo com eles.

O Senhor os toma para vingar, para que Ele possa ordenar a vingança, uma vez que Ele olha como justa causa; ou para o agravar ou mitigar; para continuar ou cessar a punição; a qual, inquestionavelmente, foi a razão que moveu Davi a dizer: “*que caíamos, agora, na mão do Senhor*” (2 Sm. 24.14).

Uma vez que, por meio disso, toda esperança de impunidade é removida, da mesma maneira é dado um bom fundamento para penitência²⁷. Como pode qualquer pessoa pensar em escapar, visto que o Deus que está em todo lugar, tudo vê e é imparcial compromete-se em puní-los. “*A vingança pertence a mim*”, diz o Senhor (Hb. 10.30); onde Ele infere: “*eu retribuirei*”. Portanto, teme provocar esse Vingador. Não esperes, de maneira vã, escapar da Sua vingança, enquanto persistes no pecado.

Contudo, se, após pecares, o teu coração oprimir-te, e, sobre isso, verdadeiro arrependimento for operado em ti, prepara-te para encontrares o teu Deus. Desse modo, podes prevenir e afastar toda vingança, como fizeram os *ninivitas* (Jn. 3.10). Ou, caso Ele já tenha começado a te ferir, tu podes fazer com que Ele *se arrependa do mal* e *retenha a Sua mão*, como fez Davi (2 Sm. 24.16, 17). É Deus quem fere. Portanto, somente a Ele devemos buscar.

27 - N.T.: Ou demonstração de arrependimento.

Quando *Israel não se voltou em direção àquEle que os afligiu* (Is. 9.13), isso se tornou um agravante da sua obstinação.

§ 22. DA COMPLETA DESTRUICÃO QUE A OBSTINAÇÃO TRAZ AOS HOMENS.

VI. **A** obstinação, depois de alguns golpes, causa a completa destruição²⁸. Muitas são as coisas ameaçadas na Lei (Lv. 26.18; Dt. 29.19) e declaradas pelos profetas (Is. 1.5; 9.13, 14; Am. 4.6) a serem cumpridas. Muitos exemplos particulares notáveis a respeito disso são registrados na Escritura, para que, por meio disso, se pudesse melhor avisar nas épocas seguintes. *Sodoma* e as cidades que tomaram parte com ela foram conquistadas e saqueadas pelos quatro reis que vieram contra elas (Gn. 14.10, 11). Isso não foi um golpe leve; contudo, isso não trouxe qualquer correção. Por conseguinte, não muito tempo depois, elas foram completamente destruídas com fogo e enxofre vindos do céu (Gn. 19.24). *Faraó* e os seus súditos foram feridos com as dez diferentes pragas, de modo a dar suficiente demonstração da tolice deles em permanecerem contra o grande Senhor do céu (Êx. 7.20); ainda assim, continuaram com seus corações endurecidos contra Deus; por causa disso, ele e todo o seu exército foram completamente submergidos no mar vermelho (Êx. 14.28). Os israelitas eram frequente e dolorosamente punidos por muitos julgamentos, porém, sem qualquer testemunho de melhora da parte deles; de modo que o Senhor foi amplamente provocado a tornar a sua terra desolada (Lm. 1.1). A frase que *João, o Batista*, utilizava, “*está posto o machado à raiz da árvore*” (Mt. 3.10) é muito importante. O “*machado*” significa o julgamento de Deus;

“*árvore*” a nação dos judeus; “*posto à raiz*” um completo extermínio. Uma árvore pode ser cortada, e, ainda assim, permanecer, crescer e florescer novamente. Porém, se ela for cortada na raiz, o tronco, os galhos e tudo mais vêm ao chão. Portanto, ele quer dizer que, considerando que, anteriormente, Deus, por meio da praga, fome, espada, cativo e outros julgamentos similares, os cortou e frequentemente os deixou desprotegidos, agora, Ele intentava cortar a raiz deles, cortar completamente eles abaixo e lançá-los fora.

A justiça e sabedoria de Deus, sim, e a glória de todas as Suas propriedades O provocam a fazer assim. Se a obstinação dos pecadores contra os julgamentos mais leves pudessem afastá-los, o homem pareceria mais forte do que Deus, e a sabedoria e justiça de Deus seriam contestadas; Suas correções seriam desprezadas; Sua Palavra não seria considerada. Além disso, outros seriam encorajados pela obstinação de alguns para conduzirem-se firmemente contra Deus. Reis mortais e outros governadores, pais e mestres não tolerariam seus inferiores removerem o senhorio [deles] pela força. Poderíamos, então, imaginar que o Deus imortal toleraria isso? Ele pode e irá abater a obstinação do forte.

“*Humilhai-vos*”, irmãos, “*debaixo da potente mão de Deus*” (1 Pe. 5.6). Se Ele ameaça, prostre-se diante dEle, arrependa-se, não continue a provocá-Lo ainda mais. Se continuarmos a provocá-Lo mais e mais, Sua vara se tornará em um bastão; seu bastão, em uma espada, para nos cortar fora.

§ 23. DOS JULGAMENTOS REPENTINOS.

VII. **A** *subitaneidade agrava a severidade do julgamento*²⁹. A subitaneidade é frequentemente ameaçada para adicionar terror, como onde o Senhor diz: *“se por um momento eu subir no meio de ti, te consumirei”* (Êx. 33.5). *“Como são trazidos para a desolação, como em um momento!”* (Sl. 73.19). *“Quando [...] a vossa destruição vier como um redemoinho de vento”* (Pv. 1.27). *“A ira do Senhor se acenderá contra vós, e vos destruirá repentinamente”* (Dt. 7.4). *“Sua calamidade virá repentinamente; subitamente será quebrado, sem remédio”* (Pv. 6.15). *“Isto será em um instante, de repente”* (Is. 29.5; 30.13; 47.11). *“O saqueador virá de repente”* (Jr. 6.26). O terror da destruição da Babilônia é agravado pela sua queda repentina (Jr. 51.8); sim, e de Sodoma, sobre a qual é assim mencionado: *“a punição da iniquidade da filha do meu povo é maior do que a punição do pecado de Sodoma, que foi destruída como em um momento”* (Lm. 4.6). É observado que *“o Sol havia se levantado sobre a terra”*, um pouco antes do fogo e enxofre caírem do céu (Gn. 19.23). Aquele levantar do Sol exibia e dava esperança de um dia claro. Contudo, logo em seguida, foi de repente que o céu claro se tornou em um céu sulfuroso e sombrio.

1. Julgamentos repentinos ferem os homens com assombro. Assim diz *Elifaz*: *“o medo repentino te perturba”* (Jó 22.10). Isso faz com que os homens estejam no seu juízo final, como nós dizemos. Isso ilustra uma surpresa repentina e inesperada feita por um inimigo.

2. Males repentinos não somente confundem a compreensão e o entendimento do homem, mas também o privam do uso dos

meios que são lícitos para o seu socorro, pois deve haver tempo para providenciar meios suficientes.

3. Eles são um grande impedimento ao verdadeiro arrependimento, à oração fiel, e a outros meios espirituais similares, por meio dos quais a ira de Deus poderia ser pacificada, e o julgamento prevenido ou removido.

4. Eles são evidências da inflamada e implacável ira de Deus, como um homem que está plenamente resoluto para unir, e não para poupar, repentinamente fará aquilo que intenta fazer.

Isso oferece substância para instrução e direção.

Instrução quanto à branda consideração de Deus a nós, pois embora, por causa dos nossos pecados, O tenhamos provocado por tanto tempo a nos destruir repentina e completamente, ainda assim Ele tem nos dado muitos avisos prévios por meio dos Seus ministros, e começou esse julgamento da praga em graus, de modo que, assim como os homens sábios, nós possamos antever o perigo extremo e nos preparar responsabilmente³⁰.

Direção para sermos, portanto, vigilantes sobre nós mesmos, tão bem equipados e preparados, por meio daquele equipamento espiritual que na Palavra é prescrito a nós, de modo que nenhum mal possa nos surpreender repentinamente, seja ele ordinário ou extraordinário, nem a própria morte, nem o último julgamento. “Tomai cuidado”, diz o próprio Juiz, “por vós mesmos, para que em nenhum momento os vossos corações sejam sobrecarregados com excessos, [...] e aquele dia vos sobrevenha desprevenidamente” (Lc. 21.34).

30 - 13 de Janeiro de 1624: somente um morreu. 3 de Fevereiro: três. 10 de Fevereiro: cinco. 17 de Fevereiro: três. 24 de Fevereiro: um. 17 de Março: dois. 24 de Março: oito. 31 de Março de 1625: seis. 7 de Abril: oito. 14 de Abril: 18. 21 de Abril: 18. E, após isso, aumentou toda semana mais e mais, até 18 de Agosto, quando morreram, em uma semana, 4463 pela praga. E, ao todo, 5205, em Londres e em nove paróquias.

§ 24. DA EXPOSIÇÃO E OBSERVAÇÕES DA ÚLTIMA PARTE DO VERSO 45.

Números 16.45: “e eles caíram sobre seus rostos”

Um remédio para a calamidade mencionada anteriormente é aqui estabelecido pela prática de *Moisés* e *Arão*. Pois “*eles*” tem referência especificamente aos dois, pois os *rebel-des* murmuraram (v. 41), e *se reuniram* contra esses dois (v. 42); e a esses dois é dito para *irem perante o tabernáculo* (v. 43); e, depois disso, esses dois recebem a ordem para a cura dessa praga (v. 46, 47). *Moisés* foi o supremo governador e príncipe sobre esse povo³¹. *Arão* era o seu sacerdote principal.

“*Caíram sobre seus rostos*” significa a oração humilde e sincera a Deus por esse povo. O gesto externo por meio do qual a intenção interna deles foi evidenciada, pela oração. Seria, na verdade, a mesma coisa, caso fosse dito: “*eles oraram*”. Ainda assim, essa figura de linguagem possui a sua ênfase. Pois ela implica em,

1. Um respeito reverente à Majestade Divina. Pois, antigamente, quando os homens desejavam testificar reverência às pessoas excelentes, diante da vista desses, eles caíam sobre as suas faces, como *Rute* diante de *Boaz* (Rt. 2.10), *Abigail* diante de *Davi* (1 Sm. 25.23). Dessa forma *Abraão* testificou a sua reverência ao *Deus Todo-Suficiente* (Gn. 17.3, 17).

2. Uma santa perplexidade e admiração pela surpreendente excelência e glória. Neste aspecto, *Ezequiel caiu sobre a sua face* (Ez. 1.29).

31 - Veja mais em *A Conquista da Igreja* em Êx. 17.9, 10

3. Um temor que, na apreensão do terror de Deus e da nossa miséria, espanta a alma. Dessa maneira *temeu Daniel e caiu sobre a sua face* (Dn. 8.17; Lc. 5.8).

4. Uma mente humilde na consideração de si mesmo. *Davi* manifestou isso, quando ele “*caiu sobre a sua face em terra*” diante de *Jônatas* (1 Sm. 20.41). E aqueles que são efetivamente moldados pela Palavra, e tem “*os segredos do seu coração manifestos*”, em humildade, “*prostrando-se sobre a sua face, adorará a Deus*” (1 Co. 14.25).

5. Vergonha e confusão da face pelas grandes provocações à ira de Deus. Isso moveu *Davi*, quando ele viu a violência da ira de Deus pelo seu grande pecado, ao *cair sobre a sua face* diante do Senhor (1 Cr. 21.16).

6. Sincero e ardente desejo de obter aquilo pelo que oramos. Neste aspecto, *Josué* e todos os *anciãos de Israel caíram com a face em terra diante da arca do Senhor* (Js. 7.6).

7. Uma agonia quando alguém é lançado em alguma aflição interna da alma e alguma temível visão externa. Quanto ao primeiro aspecto, *Cristo prostrou-se sobre a Sua face e orou* (Mt. 26.38, 39). Quanto ao último aspecto, *Daniel caiu sobre a sua face, como em um sono profundo* (Dn. 10.9).

A maioria desses pode ser bem aplicada *Moisés e Arão* quando caem sobre as suas faces, nesse texto. Pois “*a glória do Senhor apareceu*” (Nm. 16.42), e a ira do Senhor foi manifestada; e o povo cometeu um grande pecado; e uma praga já tinha começado; conseqüentemente, sem qualquer dúvida, eles *caíram sobre as suas faces* em reverência à Majestade Divina, em admiração da Sua glória, em temor, ainda mais, em uma submissão humilde

a Deus, em vergonha pela ingratidão do povo, e em desejo sincero do perdão pelo pecado deles e remoção do julgamento. De modo que esse gesto implica em uma maneira extraordinária de oração.

Seis observações surgem a partir disso, das quais três são concernentes à ação realizada e três, às pessoas que a realizaram.

I. *A oração é um remédio preparado para uma calamidade desesperadora*³². Em tal calamidade estiveram essas pessoas. E esse é o remédio aqui utilizado com aprovação.

II. *Em uma necessidade extraordinária deve ser utilizada uma oração extraordinária*³³. O pecado do povo e a ameaça de Deus mostra a necessidade extraordinária. O gesto deles, ao caírem sobre as suas faces, demonstra a oração extraordinária deles.

III. *A devoção interna da alma deve ser manifestada por uma disposição correspondente externa do corpo*³⁴. Caírem sobre as suas faces foi tal disposição.

IV. *A oração deve ser feita em favor de outros em suas necessidades*³⁵. Deus ordena que aqueles que caem sobre as suas faces se afastem, para que possam estar seguros, ainda assim, eles caem sobre as suas faces em favor deles.

V. *A oração deve ser feita por aqueles que erram contra nós*³⁶. Essas pessoas, pelas quais a oração foi aqui feita, murmuraram e se reuniram juntamente contra Moisés e Arão, os quais, em favor deles, caíram sobre as suas faces.

VI. *Os magistrados e os ministros especialmente devem orar para evitar os julgamentos públicos.* Esses foram os que aqui caíram sobre as suas faces. Moisés era um príncipe, Arão um sacerdote³⁷.

32 - Veja *The Saints Sacrifice* no Sl. 116.4.

33 - Veja *The Whole Armour of God* em Ef. 6.18, §95

34 - Veja *A Conquista da Igreja* em Êx. 17.11, §29

35 - Veja *The Whole Armour of God* em Ef. 6.18, §36

36 - *Ibid.*, §51

37 - Veja *A Conquista da Igreja* em Êx. 17.12, §440

Todas essas observações são dignas de nossa devida atenção, mas eu também lidei com elas em outro lugar, como mostram as citações³⁸ colocadas no rodapé³⁹.

§ 25. DO SENTIDO E OBSERVAÇÕES DA PRIMEIRA PARTE DO VERSO 46.

Números 16.46: *“E Moisés disse a Arão: Toma teu incensário, e põe nele fogo do altar, e põe incenso nele, e vai depressa à congregação, e faz expiação por eles.”*

Quanto ao remédio da oração que foi mencionado antes, aqui é adicionado outro, por meio do qual a oração deles se tornou mais efetiva. Ele é primeiro prescrito nesse texto, e, depois disso, realizado no verso seguinte.

Moisés prescreve [este remédio], e isso sobre fundamentos justos. Pois,

1. *Moisés* teve maior inspiração imediata e maiores revelações extraordinárias do que *Arão*, ou qualquer outro naquele tempo. *“Com ele”*, disse o Senhor, *“falo boca a boca, e de maneira clara, e não por palavras obscuras”* (Nm. 12.8).

2. *Moisés* era cabeça supremo e principal governador sobre a terra, no período daquele povo. *“A este Deus enviou para ser um governante”* (At. 7.35). O próprio *Arão* o chamava de seu *Senhor* (Nm. 12.11).

38 - N.T.: Muitas dessas citações não são aqui colocadas, devido ao fato de que muitas delas não são legíveis.

39 - N.T.: No original está: *“como mostram as citações colocadas na margem”*. Isso porque, no livro original, em vez das notas estarem no rodapé, como nos é comum, as notas seguem nas margens, de modo similar ao que encontramos em algumas bíblias com referências na coluna paralela ao texto bíblico.

Moisés prescreve a Arão porque,

1. *Arão era o porta-voz de Moisés ao povo (Êx. 4.15). Arão era a boca de Moisés; e Moisés era como Deus para Arão (v. 16).*

2. *Naquele tempo, Arão era o sumo-sacerdote (Êx. 28.1), de modo que pertencia a Arão, em virtude do seu sacerdócio, usar do incensário, tomar fogo do altar, colocar incenso sobre o incensário, fazer expiação (Êx. 30.7).*

As particularidades aqui impostas eram ritos santos ordenados por Deus, sob a Lei, para a pacificação da Sua ira.

O incensário era um instrumento feito de um metal resistente, para que não se derretesse facilmente, como o ouro ou bronze, apropriado para aguentar o fogo nele, junto com um cabo ou uma alça para segurá-lo. O uso dele era para manter [o fogo] vivo, queimando as brasas sobre ele, para que o incenso, sendo lançado sobre ele, por meio do calor do fogo, pudesse emitir uma fumaça de cheiro suave, pelo qual o sacerdote, transportando de lugar a lugar, fazia com que o cheiro suave do incensos fosse disperso por si mesmo e fosse cheirado onde quer que ele chegasse. Alguns desses *incensários* eram de bronze, para os sacerdotes ordinários carregarem incenso em todo lugar no tabernáculo e no templo. Aqueles 250 homens que conspiraram junto com *Corá* e foram destruídos pelo fogo ofereceram incenso com incensários como esses (Nm. 16.39). Outros eram de ouro, como aqueles que *Salomão* fez para o templo (1 Rs. 7.50), especialmente aqueles que eram feitos para o sumo-sacerdote carregar incenso até o santíssimo lugar, do qual o Apóstolo faz menção aos hebreus (Hb. 9.4).

O fogo do altar que é aqui mencionado era daquele [tipo de] fogo que primeiro veio do céu (Lv. 9.24) e foi ordenado que fosse mantido queimando no altar continuamente (Lv. 6.13) e nunca

apagar; com ele queimavam todas as suas ofertas que deveriam ser queimadas; eles tomavam dele para carregar incenso em todo lugar; qualquer outro fogo era contado como fogo estranho (Lv. 10.1). Aqueles que utilizaram de outro fogo nos ritos santos inflamaram fogo da ira de Deus contra eles (Lv. 10.2).

Concernente ao *altar*, havia no tabernáculo dois altares. Um para toda sorte de oblações. O outro somente para o incenso (Êx. 30.9). *Aquele* era largo; *este* era pequeno. *Aquele* coberto com bronze; *este*, com ouro. *Aquele* foi colocado no tabernáculo, próximo ao pátio externo, onde, quando as cortinas eram puxadas, todo povo poderia vê-lo; *este*, próximo ao santíssimo lugar (Êx. 40.5, 6) e, portanto, se diz que *estava diante do Senhor* (Nm. 16.12).

Sobre o grande altar de bronze, o santo fogo enviado pelo Senhor queimava continuamente. Quando fogo tinha que ser colocado sobre o altar de ouro para incenso, era tirado dele. É provável que, nesse momento, *Arão* tenha tomado fogo daquele altar, onde ele queimava continuamente.

O *incenso* era um perfume suave feito de quatro das especiarias mais aromáticas (Êx. 30.34). A primeira é traduzida como “*estoraque*”, uma resina que é destilada da mirra ou da canela. Alguns traduzem como *a pura mirra*. A segunda, a *ônica*, um tipo de especiaria muito clara, que, sendo raspada, dá um cheiro suave extraordinário. Alguns a nomeiam de *a resina clara*. A terceira é o *gálbano*. Este nome é tomado do hebraico. É dito que ele é um licor endurecido, que é extraído da cana de açúcar que cresce na *Síria*. O *grego* e o *latim* a expressam com palavras similares ao nosso inglês, derivando do *hebraico*. A quarta é o *incenso puro*. Este, entre os quatro, é a única especiaria comum; as outras são tais que não lemos sobre elas em qualquer outro lugar; de modo que não é um assunto fácil falar que tipo de especiarias

elas eram. Certamente, nenhum perfume poderia ser feito similar a esse incenso que era feito deles (Êx. 30.38).

Esse é intitulado de *incenso suave* (Êx. 25.6) e isso, apropriadamente, em um aspecto duplo.

1. Do *cheiro* natural. Ele era excessivamente suave.

2. Do efeito legal, que era produzir um cheiro suave nas narinas de Deus. Por isso, o sacerdote que estava na fumaça e com o cheiro dele não morria (Lv. 16.13).

Aqui, nós vemos que o *incenso* era um perfume peculiar apropriado, reservado somente para os usos santos. O fogo também era santo, tal como o primeiro que veio do Senhor e foi preservado para Seus cultos. O *altar* era, semelhantemente, para usos sagrados, e, finalmente, o *incensário*. Todos foram ordenados por Deus e, neste aspecto, todos eles eram autorizados. Eles eram, assim como outros *tipos legais*, externos [ou visíveis], contudo, eles possuíam as suas verdades evangélicas; das quais falaremos mais adiante⁴⁰.

Sendo essas coisas preparadas desta maneira, *Moisés* encarrega *Arão* de ir até a *congregação*, a saber, aquela assembleia de rebeldes que estava reunida juntamente contra os servos de Deus; sobre a qual falamos antes⁴¹. E aquilo que *Arão* fez deveria ser feito com toda a velocidade, porque o fogo do zelo de Deus já estava aceso.

O fim de tudo aquilo que foi dado na ordem e o efeito que se seguiria disso é assim expressado: “*e faz expiação por eles*”.

A partícula copulativa “*e*”, por meio da qual as divisões distintas da ordem de *Moisés* são juntadas, importa quanto à última

40 - § 36, 37

41 - § 11

divisão, de modo a ser inferida como um fim da primeira; como se ele dissesse: “ofereça incenso, para que, por meio disso, uma expiação seja feita”. Essa partícula foi traduzida assim antes⁴², onde é dito “levantai-vos, **PARA** que eu possa consumi-los”. De fato, ela também implica em uma consequência e um efeito que se seguiria sobre isso; como se dissesse: “ofereça incenso, e, então, por meio disso, tu farás uma expiação por eles”. Isso é comprovado, pois Arão, tendo feito o que Moisés incumbiu a ele na ordem, se diz que ele fez expiação pelo povo (v. 47).

Essa frase “faze expiação” é a interpretação de uma palavra hebraica curta, a qual (caso a nossa língua inglesa a comportasse) poderia ser assim traduzida: “expiar”⁴³.

A palavra hebraica significa cobrir. A cobertura que era colocada sobre a arca é expressada por uma palavra derivada dessa. Ela é aplicada metaforicamente ao pecado e à ira inflamada pelo pecado, e significa cobri-los; isto é, perdoar assim o pecado e pacificar a ira. Como onde é dito: “ele [...] perdoou sua iniquidade” (Sl. 78.38). Trocando uma palavra pela outra, ficaria: “ele cobriu a iniquidade”. E onde, em relação à ira de um rei, é dito: “um homem sábio a cobrirá”, isto é, a pacificará (Pv. 16.14). É também claramente utilizada para significar ser propício, favorável ou misericordioso, como na oração que é assim feita a Deus: “Sê misericordioso [...] com o teu povo Israel” (Dt. 21.8). É frequentemente utilizada quanto a expiar, isto é, expurgar ou remover qualquer impureza, de modo que ela não possa ser imputada, e para tornar algo apropriado para o uso santo ou para aparecer diante de Deus. Dessa forma, ela se aplica às coisas e pessoas, sob a Lei, assim como o sagrado santuário (Lv. 16.33), ao tabernáculo da

42 - Verso 45.

43 - N.T.: No original: “attone”.

congregação, ao *altar*, aos *sacerdotes*, e a todo o *povo* da congregação. Todas as concepções mencionadas anteriormente sobre a palavra acrescentam muita coisa para clarear a frase nessa passagem: “*faze expiação*”. “*Expição*” (segundo o registro inglês da palavra) implica em “*dois em um*”, a saber, dois que eram díspares ou diferentes. Tal expiação é como um acordo ou reconciliação. Em relação aos díspares, isto é, entre Deus e o homem, isso é feito em dois sentidos. **1)** Pela remoção do pecado, a causa da ira. **2)** Pela pacificação da ira, o efeito do pecado. *As ofertas pelo pecado* tipificavam o primeiro. *O incenso*, o segundo. Embora possam ser assim distinguidos, contudo, eles não podem ser separados. Pois, sem a remoção do pecado, a ira não será pacificada. E, se a ira fosse pacificada, onde estaria o benefício disso, caso o pecado não fosse removido? Portanto, embora o primeiro possa ser especificado mais expressamente ali, contudo, o outro também está incluído. Ora, por causa da menção do incenso aqui, por meio dele se expressa a expiação, [e assim] a pacificação da ira de Deus é declaradamente estabelecida.

Essa partícula relativa “*eles*” faz referência à *congregação* que foi citada antes; uma congregação de rebeldes. Ainda assim, a ordem é tomada para pacificar a ira de Deus, que estava inflamada justamente contra eles.

O resumo desse texto é uma *prescrição para pacificar a ira de Deus*.

1. As pessoas:

[O que comanda: <i>Moisés</i> .
]	O que recebe o comando: <i>Arão</i> .
2. O comando em si mesmo, onde é expressado:
 - 1) O *conteúdo* dado no comando.
 - 2) A finalidade dele.

I. O conteúdo é estabelecido distintamente:

1. A *substância*: queimar *incenso*.
2. As *circunstâncias*, as quais são duas,
 - 1) O *instrumento*, no qual se põe o incenso: um *incensário*.
 - 2) Os *meios* para queimar o incenso, o qual é
 - a) Expresso *de modo geral*: “fogo”.
 - b) Limitado *de modo particular*: “do altar”.

II. O *fim* é estabelecido por meio do comando, o qual consiste em duas partes.

Na primeira [parte], pode ser observado:

1. A *ação* a ser feita: “vai”.
2. O *prazo* em que deveria ser feito: “depressa”.
3. As *pessoas* pelas quais deveria ser feito: “à congregação”.

Na última [parte], pode ser novamente observado:

1. O *dever* a ser feito: “faze expiação”.
2. As *pessoas* pelas quais deveria ser feito: “por eles”, a saber, a congregação antes mencionada.

Seis pontos especiais devem ser aqui observados.

I. *Os homens devem realizar aquilo que fazem em virtude do seu chamado*. Pertencia a Moisés, um príncipe e um profeta, dar direção para impedir a praga; e a Arão, enquanto sumo-sacerdote, pertencia o oferecer do incenso. Portanto, Moisés fez aquilo que pertencia a um príncipe e profeta. E ele designou Arão para fazer aquilo que pertencia a um sumo-sacerdote (Dt. 33.10).

II. *Os meios a serem utilizados para pacificar a ira de Deus devem ser aqueles que são autorizados pela Palavra de Deus*. Oferecer o incenso, o qual foi o meio aqui utilizado, foi expressamente autorizado pela Palavra de Deus (Lv. 16.12, 13).

III. *As coisas autorizadas quanto à sua substância devem ser realizadas em circunstâncias autorizadas.* Com este fim já mencionado anteriormente, o incenso deveria ser oferecido sobre um incensário e ser queimado junto com o fogo do altar (Lv. 16.12).

IV. *Os deveres de misericórdia devem ser realizados àqueles que erram contra nós.* Essa congregação murmurou e se reuniu contra Moisés e Arão. Contudo, Moisés ordenou que Arão fosse até eles, para fazer uma obra de misericórdia por eles, em sua necessidade.

V. *A ira de Deus deve ser pacificada com toda a rapidez.* Para este fim, Arão é encarregado de ir rapidamente: para que, com toda a velocidade possível, pudesse fazer uma expiação.

VI. *Há meios de reconciliação entre Deus e o homem, depois que a ira de Deus está inflamada.* A expiação que é aqui adicionada prova isso, especialmente se ponderarmos a respeito das pessoas pelas quais foi feita. “*Por eles*”, até mesmo por aqueles que provocaram o Senhor a consumi-los em um só momento.

Essas instruções surgem das letras da história. Há um mistério mais elevado contido nela, sobre a qual falaremos posteriormente⁴⁴.

§ 26. DO CUMPRIMENTO DO CHAMADO DE ALGUÉM

I. *Os homens devem realizar aquilo que fazem em virtude do seu chamado*⁴⁵. “*Como Deus distribuiu a cada homem, como o Senhor chamou a cada um, assim ele ande. E assim eu ordeno em todas as igrejas*”, diz o Apóstolo (1 Co. 7.17; 1 Pe. 4.10). Ele aplica isso mais particularmente em diversas funções: “*tendo diferentes dons,*

44 - §36, 37, etc.

45 - § 25

segundo a graça que nos foi dada, se for profecia, profetizemos segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar”, etc. (Rm. 12.6-8).

Essa é a propriedade de um homem *justo* e reto: *andar na SUA integridade* (Pv. 20.7)⁴⁶. “**SUA**”, isto é, aquilo que pertence a ele em virtude da sua própria posição e função. Nesse sentido, é dito: “*A sabedoria do prudente é entender o SEU caminho*” (Pv. 14.8). Mas “*todo tolo é intrometido*” (Pv. 20.3), a saber, nos assuntos dos homens, quanto às coisas que não pertencem a ele.

Visto que desejamos ser aceitáveis a Deus, receber o consolo de nós mesmos pelas coisas que realizamos, e, por meio disso, fazer o bem aos outros, que estejamos bem informados quanto aos deveres que, em virtude da nossa própria função, pertencem a nós, e sejamos fiéis e diligentes neles. Muito esforço e diligência podem ser utilizados nos assuntos de outros homens, e pouca gratidão [será] dada por todo esse esforço e diligência. De fato, podemos fazer que todo esse esforço e diligência se tornem um grande transtorno para nós mesmos, e, contudo, nenhum consolo [haverá] em todo esse transtorno. Por isso, *S. Pedro* exorta os cristãos a não padecerem *como intrometidos em assuntos de outros homens* (1 Pe. 4.15). E isso é notável: que ele reconhece esse tipo de padecer entre o padecer dos malfeitores. Portanto, buscai “*tratar dos vossos próprios negócios*” (1 Ts. 4.11). Que os magistrados, que os ministros, que os maridos, que as esposas, que todos de toda sorte prossigam dessa maneira.

46 - Veja *The Whole Armour of God* em Ef. 6.14. Ticat.2, Part.1, §4

§ 27. DO USO DOS MEIOS AUTORIZADOS PARA PACIFICAR A IRA DE DEUS.

II. **O**s meios a serem utilizados para pacificar a ira de Deus devem ser aqueles que são autorizados pela Palavra de Deus⁴⁷. Antes da vontade de Deus ser tão plenamente revelada e registrada, como agora ela é, os santos estavam habituados a buscar direção extraordinária da parte de Deus. Como *Rebeca*, quando ela sentiu que os filhos lutavam dentro dela (Gn. 25.22); e *Josué*, quando Israel fugiu diante dos homens de *Ai* (Js. 7.6); e as outras tribos, quando lutavam contra os *benjamitas* (Jz. 20.28); e *Davi*, quando houve fome na sua terra (2 Sm. 21.1); e outros, em outras ocasiões similares. O curso ordinário sob a Lei era, assim como esse prescrito aqui por *Moisés* nesse caso particular (pois [apenas] havia antes uma Lei mais geral - Lv. 16.12), realizar ofertas queimadas; a respeito do que *Davi* deu esse aviso a *Saul*: “Se o Senhor te incitou contra mim, que Ele aceite uma oferta” (1 Sm. 26.19). Por isso *Noé*, depois da grande evidência da ira de Deus, o dilúvio, “ofereceu ofertas queimadas”, e é dito que “o Senhor cheirou um aroma doce” (Gn. 8.20, 21). Assim, *Davi*, ao receber o aviso de um profeta, para pacificar a ira de Deus manifestada por uma praga violenta, “ofereceu ofertas queimadas” (2 Sm. 24.25).

Uma vez que o *incenso* era um tipo da intercessão de *Cristo*, assim, as ofertas queimadas [eram um tipo] do sacrifício satisfatório, expiatório e propiciatório de *Cristo Jesus*. Sim, elas também eram demonstrações visíveis da culpa do homem. Pois o animal, colocado sobre o altar, deitava no lugar daquele que o trazia, e mostrava aquilo que ele merecia, a saber, não somente ser consumido aqui pelo fogo material, mas também ser atormentado para

sempre no fogo infernal; e o trazer da oferta dos penitentes era uma profissão da sua própria culpa. Esse era o propósito dessas ofertas que eram utilizadas para pacificar a ira de Deus.

Quanto ao ponto geral, os meios utilizados para pacificar a Deus devem ser autorizados; em dois aspectos específicos isso parece ser equivalente:

1. Em consideração a Deus, aquele que deve ser pacificado.
2. Em consideração ao homem, aquele que deve pacificá-Lo.

A vontade de Deus, até Ele mesmo revelá-la, é secreta; o Seu conselho é insondável. *“Pois, quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro”* (Rm. 11.34). Portanto, ninguém pode dizer o que pode Lhe agradar ou apaziguar, até que Ele faça isso conhecido a partir dEle mesmo.

Quanto aos homens, eles *“se tornaram vãos em suas imaginações, e o seu coração insensato se obscureceu”* (Rm. 1.21). Então, como eles podem, a partir de si mesmos, inventar ou conceber aquilo que pode ser agradável ao sapientíssimo Deus? Olhe para todas as invenções humanas, sejam dos pagãos ou de outros, e você verá que todos eles são verdadeiros brinquedos que mal chegam perto da excelente Majestade de Deus; elas não satisfazem, de fato, aos homens sábios que observam devidamente para eles; não, nem mesmo aos próprios inventores; e, portanto, eles permanecem pensando em como adicionar, alterar ou remover. Por meio das invenções dos homens, a ira de Deus é mais inflamada do que apaziguada. *“Em vão”, diz o Senhor, “eles me adoram, ensinando como doutrinas os mandamentos dos homens”* (Mt. 15.9).

§ 28. DO SACRIFÍCIO DE SANGUE HUMANO PARA PACIFICAR A DEUS.

Quem pode se espantar suficientemente com a vã e tola compreensão dos homens em inventar meios e comportamentos para pacificar a ira de Deus, os quais estão tão distantes de serem agradáveis à Sua vontade e ordenados pela Sua Palavra, visto serem claramente contrários a ela, e, neste aspecto, devem necessariamente inflamar a Sua ira mais e mais. Os pagãos do passado estavam acostumados a sacrificar crianças, virgens, homens, entre outros, para oferecer sangue humano; o que os judeus, lançando-se em praticar toda a idolatria pagã, aprenderam deles. Pois, onde o pagão dava seus filhos a *Moloque*, o ídolo dos *amonitas* (2 Rs. 16.3), o qual se supõe ser *Saturno*, os judeus também fizeram o mesmo (1 Rs. 11.7); apesar de que o Senhor os tinha proibido expressamente de praticar isso (Lv. 18.21) e fez leis capitais contra todo aquele que fizesse isso (Lv. 20.2). Quanto aos pagãos, eles tinham seus oráculos, aos quais eles costumavam pedir conselho e tomar conselhos em todos os seus atos mais importantes, e em todas as suas dificuldades e angústias; assim como o povo de Deus costumava pedir o conselho de Deus (Nm. 27.21; Jz. 20.18). Os pagãos supunham que Deus dava conselho naqueles oráculos; porém, era o próprio diabo que os seduzia de modo mais flagrante. Pois o Espírito Santo chama os falsos deuses de *demônios* (Dt. 32.17; 2 Cr. 11.15; Sl. 106.37; 1 Co. 10.20; Ap. 9.20). Ora, *o diabo* tem sido um *assassino desde o princípio*, e, ainda, alguém sedento pelo sangue do homem (Jo. 8.44). Logo, não é de se maravilhar que o conselho e a recomendação destes oráculos fosse que o sangue do homem deveria ser sacrificado para apaziguar a ira ou remover as calamidades. Assim como os gregos

do passado, que partiram depois de terem queimado Tróia, mas foram impedidos por ventos cruzados e tempestuosos, o sacerdote deles contou-lhes que a filha do seu rei deveria ser sacrificada, e o tolo rei, nessa circunstância, permitiu que fosse feito. É dito sobre *Polixena*, também filha de *Príamo* e *Hécuba*, que ela deveria ser sacrificada para apaziguar o espírito de *Aquiles*⁴⁸. *Theudatus* ou *Theodatus*, rei dos *Bactrianos*, foi registrado como sendo sacrificado a *Apolo* por *Ársace*, rei da *Pérsia*, depois de tê-lo vencido em uma batalha. É dito que *Pigmaleão* costumava sacrificar homens aos deuses. Os *bistanos*, um povo da *Trácia*, fizeram uma lei para sacrificar estrangeiros aos seus deuses. O *Quersoneso Táurico*, uma região na parte norte da *Europa*, agora chamado por alguns de *Tartária* menor, tinha habitantes que também costumavam sacrificar estrangeiros a *Diana*. Os homens de *Abdera*, uma cidade da *Trácia*, tinham um costume de, todo dia primeiro do ano, apedrejar um homem até a morte e sacrificá-lo aos deuses, para o sucesso próspero daquele ano. Se relata que os citas sacrificavam todo centésimo homem dos cativos que tomavam⁴⁹. É registrado que uma praga surgiu em *Siracusa* por causa do incesto cometido por um pai com a sua filha, e que, ao pedir conselho do *oráculo*, a resposta foi que ambos, pai e a filha, deveriam ser sacrificados aos deuses. Muitos outros exemplos similares poderiam ser dados, porém, esses são suficientes para revelar a cegueira e estupidez dos pagãos, em buscar pacificar a Deus com tais práticas que não poderiam fazer outra coisa, exceto inflamá-Lo ainda mais.

48 - Ovid. *Metam* lib.13.fab.2

49 - Herod. Lib. 4

§ 29. DAS BUGIGANGAS PAPISTAS PARA PACIFICAR A DEUS.

Os papistas se distanciam duplamente ao usar meios não ordenados (tais que não podem fazer qualquer coisa, exceto acender e inflamar o fogo da ira de Deus) para pacificá-Lo, como homens e mulheres chicoteando a si mesmos, vestindo panos de saco, caminhando muitas milhas com pés descalços, rastejando para cima e para baixo, nesse e naquele lugar, com joelhos descobertos, fazendo longas viagens de peregrinação em direção a relíquias e imagens dos santos, até a terra santa, e, caso eles não sejam habitantes de Roma, até mesmo ir até lá para visitar; abandonando suas terras, caso tenham alguma; sim, e deixando seus chamados para entrar e permanecer em alguma casa religiosa, como monastério, convento de frades, convento de freiras, eremitério, ou coisa parecida; indo em todo lugar para mendigar; vivendo de esmolas; oferecendo quantias e quantias de dinheiro nesse e naquele lugar religioso; proibindo essa e aquela refeição; balbuciando repetidamente o credo, pater noster, e o ave-maria; e fazer qualquer outra coisa que o pai espiritual deles ordenar-lhes através da penitência, ainda que seja para assassinar reis ou outras pessoas. De fato, eles fazem ainda mais (seguindo uma crueldade desumana além dos pagãos) ao perseguirem com fogo e espada aqueles que recusam sujeitar-se às suas invenções diabólicas. O Concílio de Trento diz a respeito de algumas dessas obras de penitência (como eles chamam) e de outras similares, que *nunca foi encontrado qualquer meio mais seguro [comparando-se com a penitência] para evitar a vingança de Deus fora da igreja*. E o grande campeão⁵⁰ dela, embora confesse

50 - N.T.: Belarmino

que eles não são ordenados por Deus (ele somente diminui a importância dizendo assim: “*não ordenado, segundo um certo modo em particular*”), embora audaciosamente atesta que eles são *aceitáveis a Deus, e santos e proveitosos, sim, e satisfatórios*. Que!? A vingança de Deus ser removida pelas invenções humanas? Invenções humanas para satisfazer a justiça divina? A excelência da Majestade Divina não admitiria isso, muito menos a vaidade das apreensões humanas podem inventar qualquer coisa que satisfaça [a Deus], qualquer coisa que evite a Sua ira. O mínimo que pode ser dito quanto ao melhor dos meios de satisfação mencionados antes é aquilo que o profeta diz: “*quem tem requerido isso de vossa mão?*” (Is. 1.12). Eles podem ter *uma aparência de sabedoria na veneração, humildade e na abnegação do corpo, mas não são de honra alguma*” (Cl. 2.23). Pois essas coisas são vis e abomináveis aos olhos de Deus.

§ 30. DA REALIZAÇÃO DAS COISAS ORDENADAS JUNTO COM AS DEVIDAS CIRCUNSTÂNCIAS.

III. **A**s coisas ordenadas na sua substância devem ser realizadas junto com as circunstâncias ordenadas⁵¹. As muitas circunstâncias que Deus prescreveu para a realização das coisas que Ele ordenou dão prova disso. Por que a sabedoria Divina seria tão cuidadosa em prescrever as circunstâncias, caso o homem pudesse ser descuidado na observação delas? Onde o Senhor ordena a celebração da Páscoa, Ele assim se expressa: “*no décimo quarto dia deste mês, à tarde, a seu tempo determinado a celebrarei, segundo todos os seus ritos e segundo todas as suas cerimônias, a celebrareis*” (Nm. 9.3). Se os homens falhassem nas circunstâncias, eles eram

51 - Veja §25

punidos como se tivessem negligenciado a circunstância. Por exemplo, *Nadabe e Abiú*, que ofereceram incenso *com fogo estranho* (Lv. 10.1); e *Davi* e os *sacerdotes* que, naquele tempo, carregavam a *arca* em um carro (2 Sm. 6.3), a qual deveria ser carregada sobre os lombos dos homens (Nm. 7.9; Êx. 25.14; Nm. 4.15; Dt. 10.8; Js. 3.3). Por causa disso, sendo *Davi* melhor instruído por meio da evidência visível do desagrado de Deus sobre *Uzá*, ele diz posteriormente: “O Senhor [...] fez uma fenda sobre nós, pois não buscamos segundo a ordem devida” (1 Cr. 15.13).

Tendo Deus prescrito as circunstâncias, assim como as substâncias, negligenciar um ou outro é ultrapassar a Sua vontade sagrada. De fato, realizar coisas de modo contrário àquilo que Ele apontou, quando Ele já apontou os ritos e o modo de realizar qualquer coisa, é nos colocarmos como mais sábios do que Deus.

Neste aspecto, temos justa causa para nos separarmos da igreja romana, ainda que seja reconhecido que, quanto à substância, eles sustentem muitas das ordenanças de Cristo. Eles possuem a Palavra lida e as orações em suas igrejas, mas em uma língua desconhecida, o que remove o benefício disso. Eles reconhecem Cristo como seu Mediador, Sumo-Sacerdote, Cabeça e Profeta, mas, nisso, adicionam os santos no céu como mediadores, homens sobre a terra como sacerdotes verdadeiros, próprios e sacrificantes, e dão-lhe poder para cunhar novos artigos de fé, destroem as substâncias ortodoxas que foram mencionadas antes através dessas circunstâncias heréticas. Assim também com a substância do batismo que eles preservam, colocando-o em descrédito por meio das suas adições de creme, saliva, e outras tolas invenções similares, e por meio das suas falsas posições a

respeito da necessidade absoluta e da eficácia operativa da obra externa. O mesmo poderia ser exemplificado em outras ordenanças. Qual garantia eles possuem para se rastejarem às imagens, prostrando seus corpos diante delas, oferecendo a elas, indo em peregrinações, vestindo pano de saco, indo com pés descalços, chicoteando a si mesmos; confinando-se em mosteiros, cavernas, eremitérios, com um número infinito de suas próprias invenções? Deus é pacificado por meio disso? Tais coisas podem apaziguar a Sua ira? Então, o que se pode esperar com a realização das suas ordenanças, a não ser essa condenação do Altíssimo Juiz: *“em vão eles me adoram, ensinando como doutrinas os mandamentos dos homens”* (Mt. 15.9)? Bem como essa: *“quem tem requerido isso de vossa mão?”* (Is. 1.12).

Eu gostaria que não houvesse ocasião entre nós para temer tal condenação da parte de Deus. A verdade é que nós temos, pela providência divina, uma luz maior e melhor do que têm os papistas, por meio da qual a vaidade das suas adições não ordenadas sobre as ordenanças de Deus foram descobertas e abandonadas; contudo, muitos oferecem seu incenso sem buscar fogo do altar do Senhor. Pois alguns que se aproximam de Deus com a sua boca e honram a Ele com seus lábios possuem o seu coração distante dEle. Sinceridade de coração é o fogo do Senhor, com o qual o incenso da oração deve ser oferecido. Outros, na realização dos deveres da piedade, descansam naquilo que fazem, como se não dependessem de Cristo em tudo, aquEle que é o altar do Senhor, de onde somente tal fogo é aceitável a Deus pode ser tomado. Outros também colocam suas mentes sobre as leis dos homens e a penalidade delas, embora a vontade e a honra de

Deus, bem como a boa consciência para com Ele, não são respeitados. Nesses casos e em outros similares, os homens oferecem o seu incenso com fogo estranho.

Portanto, isso requer de nós diligência em buscar as Escrituras, para, por meio disso, *entender qual seja a vontade do Senhor* (Ef. 5.17) e provar aquilo que é *bom e aceitável a Ele* (Rm. 12.2). Nela podemos ter garantia suficiente quanto ao assunto e o modo, quanto à substância e à circunstância. “*À Lei e ao testemunho! Se eles não falarem de acordo com esta palavra, é porque nenhuma luz existe neles*” (Is. 8.20). Porém, aquilo que é feito de acordo com a autoridade e prescrição dela pode ser feito confortável e confiantemente, e isso na segura expectativa da graciosa aceitação e da generosa remuneração de Deus.

Sobre este fundamento, podemos esperar pela bênção sobre os deveres que nós agora realizamos. Pois a humilhação extraordinária de nós mesmos com jejum e oração é tão ordenado para pacificar a ira de Deus quanto o incenso sob a Lei. Que nós, a partir do altar do Senhor, Seu Filho Jesus Cristo, por meio da fé nEle, tomemos o fogo do zelo, sinceridade e integridade, e com isso ofereçamos o nosso incenso. Teremos para falar da eficácia disso mais adiante.

§ 31. DA DEMONSTRAÇÃO DE MISERICÓRDIA ÀQUELES QUE ERRAM CONTRA NÓS.

IV. **D**everes de misericórdia devem ser realizados àqueles que erram contra nós⁵². Ele, que fez uso de tudo que era possível para Ele mesmo fazer assim, nos deu uma ordem expressa sobre

52 - Veja §25. Sobre orar pelos inimigos, veja *The Whole Armour of God* em Ef. 6.18, §51.

isso: “*Amai os vossos inimigos, [...] fazei o bem aos que vos odeiam*” (Mt. 5.44). A Lei exemplifica esse [comando] geral nesses particulares: “*Se encontrares o boi ou o jumento de teu inimigo desgarrado, certamente o levarás de volta a ele novamente. Se vires o jumento de alguém que te odeia deitado debaixo de sua carga, [...] certamente o ajudarás*” (Êx. 23.4, 5). Se a misericórdia deve ser mostrada às bestas dos nossos inimigos, quanto mais às suas [próprias] pessoas? O sábio homem nos dá um aviso adicional nesse aspecto: “*Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe pão [...]; se tiver sede, dá-lhe água para beber*” (Pv. 25.21). De modo similar, se eles têm atraído qualquer julgamento sobre as suas próprias cabeças, o nosso esforço deve ser de lhes ajudar e curar.

1. Dessa maneira, mostramos que somos *filhos do nosso Pai que está no céu; porque Ele faz que o Seu sol brilhe sobre maus e bons* (Mt. 5.45).

2. Dessa maneira, teremos a *mesma mente* daquEle que não negligenciou qualquer oportunidade de fazer o bem a nós, seus inimigos: *Cristo Jesus, nosso Salvador* (Fp. 2.5).

3. Dessa maneira, daremos a evidência de que o Espírito Santo habita em nós. “*Pois o fruto do Espírito está em toda bondade*” (Ef. 5.9).

4. Dessa maneira, *venceremos o mal com o bem*, o que é uma propriedade divina; dessa maneira, amoleceremos a dureza deles, e inclinaremos a mente inflamada deles à brandura e bondade (Rm. 12.20, 21).

5. E, embora a natureza corrompida seja extremamente viciada em se vingar, por meio disso, deixaremos os nossos inimigos implacáveis à vingança de Deus, o que o homem sábio expressa assim: “*amontoarás brasas sobre a sua cabeça*” (Pv. 25.22).

Portanto, devemos estar bem longe de reter as nossas mãos de fazer a misericórdia devido ao motivo de que aquele a quem a misericórdia é manifestada errou contra nós, mas, antes, tomemos isso como oportunidade para fazer o bem, de modo que se evidencie que fazemos o bem por amor à bondade, sem fazer distinção entre as pessoas, sem qualquer parcialidade. Amargo seria aos filhos dos homens, caso Deus não fizesse o bem aos Seus inimigos. Se podemos vencer a nós mesmos, deveríamos também fazer isso dessa maneira [isto é, vencendo a maldade do meu inimigo]. Aqueles que nasceram de novo, cuja natureza corrompida foi alterada, desejam fazer assim.

§ 32. DO PACIFICAR RAPIDAMENTE A IRA DE DEUS.

V. *A ira de Deus deve ser pacificada com toda a rapidez*⁵³. Assim que Moisés, enquanto estava no monte, observou que a ira do Senhor estava acesa, antes dele descer para inquirir pela causa disso, ofereceu o incenso suave de uma oração humilde e fervorosa, para pacificar a mesma (Êx. 32.11). Quando Jonas começou a entrar em Nínive e a ameaçar a vingança de Deus, tanto o rei como o povo, por meio de jejum, oração e arrependimento, preveniram o julgamento (Jn. 3.4). Eles não pararam até que o prazo de quarenta dias expirasse. A direção de um monarca pagão (mas guiado pelo Espírito de Deus) é muito notável, neste caso, como foi esse: “Para que tu possas comprar, rapidamente, com este dinheiro novilhos, carneiros, [...] tudo o que vos pedir o sacerdote Esdras [...], seja isto rapidamente feito [...]; porquanto por que deveria haver ira contra o reino?” (Ed. 7.17, 21, 23). Jó foi tão rápido que, na suspeita que

seus filhos, reunidos em festividade, pudessem ter, de alguma ou outra maneira, provocado a ira de Deus, ofereceu ofertas queimadas para expiação; *“assim fazia Jó todos os dias”* (Jó 1.5).

A ira de Deus é como um fogo (na Escritura, frequentemente há a comparação com incendiar - Sl. 78.21; Is. 30.30; Jr. 15.14; Sf. 3.8). Ora, o fogo, quanto mais lhe é permitido queimar, mais forte e mais violento aumenta. Por isso, quando um fogo é aceso, os homens que são sábios não se apressarão o máximo que puderem para extingui-lo? Os profetas colocam a fúria desse fogo dessa maneira: *“um fogo se acendeu na ira do Senhor, e arderá até as profundezas do inferno, e consumirá a terra com o seu incremento, e porá fogo nas fundações dos montes”* (Dt. 32.22); *“quem permanecerá diante do ardor da Sua ira? A Sua fúria é derramada como fogo, e por Ele as rochas são derrubadas”* (Na. 1.6). Quanto à violência da ira de Deus, ela também é comparada com *“um dilúvio de poderosas águas transbordantes”* (Is. 28.2; 30.28). Se as águas entrarem e fizerem uma brecha, toda rapidez deve ser utilizada para tapar essa brecha, ou, de modo contrário, ela logo se tornará irrecuperável.

A partir disso, temos uma demonstração da tolice dos homens que, tendo inflamado a ira do Senhor, continuam a acrescentar pecado ao pecado e repousam seguramente nele, sem arrependê-lo, nem humilhar-se com oração e jejum, nem pensando em qualquer meio para pacificar a ardente indignação do Senhor, até que a fúria dEle se inflame à sua volta, e isso de modo tão violento, que haverá pouca esperança em extingui-la. Essa é a causa dessas desolações e completas destruições que têm ocorrido até hoje, ou ainda ocorrerão no mundo. Pois,

1. *O Senhor se deleita na misericórdia* (Mq. 7.18). Se os homens andassem, em qualquer medida, de modo digno de Suas

misericórdias, a Sua bondade seria como uma nascente sem fim e uma fonte transbordante de correntes de água doce para nos revigorar, de tempos em tempos, com bênçãos necessárias.

2. O julgamento é a Sua *estranha obra* (Is. 28.21). Por isso, Ele costuma ameaçar o julgamento, antes de executá-lo. Portanto, se a ameaça da vingança funcionar agradavelmente nos homens e fizer que humilhem-se diante do Senhor, Ele não executará aquilo que ameaça. Exemplo disso é o caso de *Nínive* (Jn. 3.10) e de *Ezequias* (Jr. 26.18, 19).

3. Deus é *tardio para Se irar* (Jn. 4.2). Embora Ele seja provocado a iniciar a execução da vingança, contudo, Ele não se apressa em derramar todas as taças da Sua ira. Ele, primeiro, começa com uma. Ele, primeiro, fere suavemente apenas. Então, se os homens se humilharem e confessarem os seus pecados com corações penitentes, Ele dirá ao Seu Anjo que enviou para destruir: “*Basta! Retém, agora, a tua mão*” (2 Sm. 24.16).

Consequentemente, a causa da severidade de Deus em executar a vingança repousa na obstinação do homem. Pois *com o perverso Deus se mostrará indomável* (Sl. 18.26). O homem persiste obstinadamente no pecado, e Deus persiste resolutamente de punir o pecado. Ouvi de um *General* que costumava carregar consigo, em seu acampamento, três tipos de bandeiras: uma branca, uma vermelha e uma negra. E quando, na primeira vez, ele vinha contra uma cidade, ele mostrava a sua bandeira branca, para mostrar que, caso se entregassem sem resistência, prestando lealdade a ele, gozariam de suas vidas, subsistências e liberdade. Caso recusassem essa oferta, então, ele mostraria a bandeira vermelha, para indicar que intentava travar uma batalha sangrenta contra eles. Se, apesar dessa ameaça sangrenta, eles permanecessem obstinadamente contra ele, por fim, mostraria uma bandeira

negra, agora testemunhando-lhes, por meio disso, que apenas poderiam esperar a completa ruína e desolação. Essa prática corresponde, em algum grau, com a Lei que Deus fez para o Seu povo, que, quando chegassem para pelejar contra uma cidade, eles deveriam, primeiro, *proclamar a paz*; caso não aceitassem, deveriam destruir todos eles (Dt. 20.10-14). Aplicando isso: a pregação do Evangelho é a *bandeira branca* de Deus. As ameaças justas e oportunas ao momento que vêm de Seus ministros, a Sua *bandeira vermelha*. A execução do julgamento pela praga, fome, espada, ou qualquer outra coisa similar, a Sua *bandeira negra*. Quão tolo, quão embrutecido pelo álcool, quão rebelde contra Deus, quão injurioso às suas próprias almas são aqueles que não somente desprezam a oferta de misericórdia no Evangelho, mas também conduzem-se de modo contumaz contra as ameaças dos ministros de Deus fundamentadas em Sua Palavra, e que justamente deduzem dela. Este é ainda o nosso caso; assim temos tratado a Deus; e, por meio disso, O provocado a estender a Sua bandeira negra e mortal da pestilência, por meio da qual tantas centenas são, semana após semana, destruídos entre nós. Isso pode ser prevenido por meio de uma célere humilhação e conversão.

Em qualquer caso, velocidade e pressa são indispensáveis, certamente mui indispensáveis, sim, e necessárias para apaziguar a ira de Deus. Nenhum fogo, nenhum dilúvio é como a Sua ira. Portanto, quanto ao ponto em questão, qual caminho seguirás (sabendo o que acontecerá quanto a ele)? Aquilo que fizeres, faz rapidamente. Seja o julgamento público ou privado, sobre nós mesmos ou em outros, não nos demorem. Tomemos essa oportunidade que agora⁵⁴ nos é amplamente oferecida quanto

54 - No período quando isso foi pregado, a saber, agosto de 1625, o jejum

à humilhação por meio da oração e jejum, e aquilo que mostrares externamente diante dos homens, faz internamente e efetivamente diante de Deus, aquEle que sonda os corações. Não adies mais. *“Portanto, como diz o Espírito Santo: Se ouvirdes hoje a Sua voz, não endureçais os vossos corações”* (Hb. 3.7, 8). Há uma causa justa para falar a vós de tal maneira, assim como falou Paulo em outro caso àqueles que estavam na embarcação com ele⁵⁵: *devíeis ter ouvido aos ministros de Deus, e não ter deixado o seu pacto com Deus, e assim evitariam este dano e perda que, pela fúria da praga, tem recaído sobre nós*. Tu deverias, pela suspeita (como foi observado em Jô⁵⁶), ter utilizado meios para prevenir essa praga, ou, ao menos, quando um ou dois morressem em uma semana pela praga nos subúrbios da cidade, tu deverias ter utilizado todos os meios que a Palavra de Deus ordena, e, conseqüentemente, nesse momento ela teria cessado. Não ouvistes o conselho que Elias deu a Acabe? Quando se levantou uma pequena nuvem do mar, semelhante a mão de homem, ele disse: *“prepara a tua carruagem, e desce, para que a chuva não te pare”* (1 Rs. 18.44). Deste modo, pela visão do menor sinal e da primeira aparição dessa praga, deveríamos ter utilizado todos os meios ordenados para ter prevenido, caso fosse possível, essas manifestações da vingança de Deus que têm, dia após dia, recaído sobre nós. Porém, visto que essas oportunidades têm sido negligenciadas tão descuidadamente, que, agora, nos tornemos mais sábios. Apressadamente, rapidamente, tão apressadamente e rapidamente quanto possível, busca ainda apagar esse fogo, para fazer uma reparação por nós mesmos e por aqueles que ainda vivem. Oh! Considera

público era celebrado semanalmente.

55 - At. 27.21

56 - § 6

quantos já morreram, os quais, caso tivessem este tempo para arrependimento que agora tens, jejuariam, orariam e abandonariam o pecado, e fariam aquilo que pudessem para obter perdão. E ainda gastarás esse tempo precioso comendo, bebendo e brincando, o qual é concedido para obter graça e alcançar a glória? Pensa contigo mesmo quantas almas estão agora no inferno sem esperança do perdão e da misericórdia. Se o amor de Deus não estiver em ti, que, ao menos, o temor do julgamento e o terror do inferno te refreiem e atemorizem.

§ 33. DA EXPIAÇÃO JUNTO A DEUS, DEPOIS DA SUA IRA TER SIDO ACESA.

VI. *H*á meios de reconciliação entre Deus e o homem, depois da *H*ira de Deus ser inflamada⁵⁷. O encargo que Moisés, nesse texto, dá a Arão (“*fez uma expiação pelo povo*” - Nm. 16.47) prova isso. Isso corresponde àquela resposta que Deus deu à intercessão de Moisés pelo povo: “Conforme a tua palavra, lhe perdoei” (Nm. 14.20). Neste caso, são memoráveis os meios que, no início, Deus ofereceu ao homem pela *semente da mulher* (Gn. 3.15), depois que ele revoltou-se e assim provocou a ira do Senhor. Todos os sacrifícios propiciatórios que, desde o tempo de *Abel* até Cristo, têm sido oferecidos pelos santos dão demonstração disso, especialmente se o fim deles e os eventos que seguiram a oferta deles forem devidamente ponderados. O fim deles é expresso assim na Lei: “*para que esta seja aceita por ele, para fazer uma expiação por ele*” (Lv. 1.4). Os eventos são assim estabelecidos: “*O Senhor teve consideração por Abel e por sua oferta*” (Gn. 44); “*O Senhor cheirou um aroma doce*” (Gn. 8.21); “*a glória do Senhor apareceu a todo o povo*”

(Lv. 9.23); “o Senhor o ouviu” (1 Sm. 7.9); “o Senhor foi suplicado em favor da terra, e a praga foi detida de Israel” (2 Sm. 24.25); “fogo desceu do céu e consumiu a oferta queimada e os sacrifícios; e a glória do Senhor encheu a casa” (2 Cr. 7.1). Os muitos convites propostos na Escritura para que os pecadores venham até Deus indicam fundamento para a reconciliação entre Deus e o homem. Tais como estes: “Vinde agora, e vamos arrazoar juntamente, diz o Senhor” (Is. 1.18); “Vinde, comei do meu pão” (Pv. 9.5); “vinde, comprai vinho e leite sem dinheiro” (Is. 55.1); “Vinde a mim, todos vós que trabalhais” (Mt. 11.28); “Ó, provai e vede que o Senhor é bom” (Sl. 34.8). A esses, para confirmação adicional, podem ser adicionadas as muitas promessa de receber e aceitar aqueles que vêm, as quais costumam estar anexadas aos convites antes mencionados. Sim, e a mensagem que Deus tem dado aos Seus ministros, que “como se Deus suplicasse por nós, nós oramos, em nome de Cristo, que vos reconcilieis com Deus” (2 Co. 5.20). Porém, o ponto provado se torna mais evidente e abundante por meio da verdade de todos os tipos legais, Cristo Jesus, “a quem Deus estabeleceu para ser uma propiciação” (Rm. 3.25), “pelo qual agora recebemos a reconciliação” (Rm. 5.11). A palavra “propiciação” tem relação com o *propiciatório* (Êx. 25.17) da Lei, traduzido pela nossa língua inglesa como *lugar de misericórdia*; o qual era um tipo especial de Cristo, em quem toda a misericórdia de Deus é manifestada ao homem. Onde Ezequiel faz menção de um *lugar* maior e um menor (Ez. 43.14). A LXX traduz assim: “um propiciatório”⁵⁸; e S. Jerônimo aplica o propiciatório maior à natureza divina de Cristo e o menor à Sua natureza humana. Dessa maneira, Cristo, enquanto Deus-homem, é o meio de expiação entre Deus e o homem.

58 - Grego: ἱλαστήριον

Nenhuma razão para isso pode ser encontrada no homem. Pois o homem, tendo se rebelado contra o seu Criador, persistiu na sua rebelião, e nem ofereceu a Deus, nem buscou de Deus qualquer expiação. “*Nós, sendo inimigos, fomos reconciliados*” (Rm. 5.10). Toda a causa disso repousa em Deus; ainda, em Sua livre graça e amor imerecido. Pois há uma amor peculiar que Deus concedeu ao homem, o qual o Apóstolo resume em uma palavra composta, que significa *amor de homem*⁵⁹, e assim estabelece a verdadeira razão da supracitada expiação: “*Mas, quando a benignidade e o amor aos homens se manifestou da parte de Deus, nosso Salvador, não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a Sua misericórdia, nos salvou*” (Tt. 3.4, 5).

§ 34. DO AMOR PECULIAR DE DEUS PARA COM OS HOMENS.

1. **E**sse amor peculiar de Deus para com o homem é o que deve ser observado pelo homem, pois tal amor Lhe é próprio, e somente é conferido nEle. Ele não tem estendido algo equivalente a qualquer outra criatura. Não preciso falar das criaturas inanimadas, seja acima nos céus visíveis, ou embaixo na terra; nem das criaturas vivas e animadas, mas, por comparação, irracionais. Ninguém pode ser tão insensível ou irracional de modo a imaginar que a bondade de Deus, estendida a eles, pode ser comparada à Sua bondade mostrada ao homem. Consequentemente, restam somente os *anjos* nessa bendita controvérsia a respeito do *maior amor* a ser possuído pelo homem. Os *anjos* podem ser distinguidos em dois tipos: *bons* e *maus*. Os *anjos maus*, embora

59 - Grego: φιλανθρωπία

continuem necessitando que tal misericórdia seja manifestada a eles, como também foi estendida ao homem, por se afundarem em um profundo abismo de miséria, contudo, Deus não se agradou em apiedar-Se deles. *“Ele reservou cadeias eternas sob trevas até ao julgamento do grande dia”* (Jd. 5, 6). Os *anjos bons* não caíram em tal miséria; nem necessitam de tal misericórdia. De fato, eles foram estabelecidos por Cristo em felicidade, mas não foram redimidos da miséria. O favor que tiveram no início com Deus foi confirmado eternamente; não há novo adquirido para eles. Eles nunca estiveram na posição de estranhos para com Deus; portanto, não há necessidade de expiação, de reconciliação. Essa é a evidência transcendente, própria e peculiar do *amor de Deus ao homem*. Por isso, *“Ele não assumiu a natureza dos anjos, mas Ele tomou a semente de Abraão”* (Hb. 2.16).

§ 35. DA DESESPERADORA CONDIÇÃO DAQUELES QUE REJEITAM A RECONCILIAÇÃO.

2. **A**gora, o que pensar de tais filhos dos homens que, apesar dos meios de reconciliação e expiação, os quais Deus ordenou e revelou aos bons homens, ainda permanecem em oposição a Deus e sustentam inimizade contra Ele? O caso deles pode certamente ser considerado como desesperador. Enquanto aqueles que estão doentes aceitarem os médicos e os remédios, haverá grande esperança de recuperação. Porém, se como homens loucos não aceitam os meios para o bem deles, devem padecer como irrecuperáveis, não tendo ninguém para curá-los, não tanto pela natureza da doença, mas pela falta de meio para curá-los. Nesse caso, podem eles ser considerados como piores do que demônios. Se fosse dado um Redentor aos

demônios e uma expiação feita por Ele entre eles e Deus, não podemos pensar que eles não teriam abraçado isso tão pronta e voluntariamente. Contudo, quantos filhos dos homens há, em todas as épocas, em todos os lugares, contra os quais o Senhor pode justamente denunciar assim: *“ quantas vezes eu quis vos ajuntar, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e tu não quiseste!”* (Mt. 22.37); e assim: *“tenho estendido minhas mãos todo o dia para um povo rebelde, o qual anda em um caminho que não era bom, segundo seus próprios pensamentos. Um povo que me provoca à ira continuamente, diante da minha face”* (Is. 65.2). Há muitos entre nós que rejeitam de forma mui ingrata e injuriosa todos os meios que Deus, em Sua bondade e sabedoria, tem oferecido para atrair e trazer os homens até Si mesmo. Quanto aos meios de reconciliação e salvação, que nação tem desfrutado mais plenamente deles do que a Inglaterra? E qual parte da Inglaterra mais do que Londres? Porém, que a impiedade e iniquidade, profanação e licenciosidade, embriaguez, e toda maneira de imundícia, blasfêmias e mentira, debate e engano, extorsão e opressão, e outras ofensas similares contra Deus e o homem, cometidos nessa brilhante luz do Evangelho, dêem evidência se a reconciliação oferecida por parte de Deus foi correspondida e aceita da parte do homem. Ora, podemos nos espantar quando os julgamentos de Deus estão entre nós e a Sua mão pesada está sobre nós? Em vez disso, ter Deus segurado a Sua mão por tanto tempo para ferir não deveria nos fazer admirar a Sua longanimidade e lenidade, e que, ferindo agora, faça isso de modo tão gentil? Pois, por mais que esse golpe da praga seja considerado como pesado em si mesmo, contudo, quando comparado com aquilo que merecemos, é leve. *“É pelas misericórdias do Senhor que não somos consumidos, porque as Suas compaixões não falham”* (Lm. 3.22).

§ 36. DO CONSOLO DOS PENITENTES NA RECONCILIAÇÃO.

3. **O**s pobres pecadores penitentes, cujos corações estão quebrantados com a visão e percepção dos seus pecados, por causa disso, podem receber e receberão muito consolo porque há meios de expiação e reconciliação entre Deus e eles. Pois Deus costuma absolver aqueles a quem observa julgar a si mesmos. Isso deve ser muito cordial a eles. Pois os verdadeiros penitentes, os que foram atravessados com a percepção dos seus pecados, sabem que, enquanto houver inimizade entre Deus e eles, os mesmos não estão em um estado melhor do que o dos demônios. Eles percebem, pelo pesado fardo do pecado oprimindo as suas almas, e pela profunda apreensão da ira de Deus sobre eles, que o favor de Deus é mais doce que a vida em si e deve ser infinitamente preferível antes de todo conteúdo e deleite que esse mundo pode oferecer. Para estes, *“quão lindos [...] são os pés daquele que traz boas novas, que anuncia paz”* (Is. 52.7). Portanto, toma conhecimento, oh pobre de espírito! Toma conhecimento desse fundamento soberano de consolo: *há meios de reconciliação entre ti e o teu Deus*. Uma expiação foi feita. Console a tua alma com isso. É suficiente tê-lo somente no lugar de toda justiça, o perdão propício e gracioso, aqui Ele contra quem somente eu tenho pecado.

4. Sendo os meios de reconciliação concedidos e oferecidos da parte de Deus, é o nosso dever obrigatório buscar por isso com tudo o que pudermos. Sim, isso nos dá encorajamento para fazer o nosso melhor para participar do benefício deles.

1) Quanto ao nosso dever, seria um assunto de tão grande consequência, tão excelente, tão necessário, tão útil como

a reconciliação com Deus anunciada e proclamada a nós, miseráveis rebeldes contra Deus, e não buscaríamos nós por isso? Aqueles que negligenciam esse dever adicionam muito à multidão dos seus pecados. “*Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?*” (Hb. 2.3).

2) Quanto ao nosso encorajamento, o que seria maior do que isso, que há tal coisa que, mediante a devida e diligente busca, pode e deve ser obtida? Se Deus fosse implacável, irreconciliável, e não aceitasse qualquer expiação, então, isso nos desencorajaria a buscar isso, mas Deus está longe de ser irreconciliável, porque é mais fácil rogar a Ele. Sim, por meio dos seus ministros, Ele *suplica a nós para sermos reconciliados com Ele* (2 Co. 5.20). “*Quem é Deus semelhante a ti, que perdoa a iniquidade [...]?*” (Mq. 7.18).



CONTINUA NO VOLUME 2

